

Lembranças da minha vida sob a sombra do meu pé de ipê amarelo

Esmeraldo Antonio Ribeiro

Lembranças da Minha Vida sob a Sombra do meu Pé de Ipê Amarelo



Editora
Casa
Ferreirinha



Lembranças
da minha Vida
sob a Sombra do
meu Pé de Ipê
Amarelo

Copyright © 2023 por Esmeraldo Antonio Ribeiro
Lembranças da minha vida sob a sombra do meu pê de Ipê Amarelo

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. Nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização do autor.

Esmeraldo Antonio Ribeiro

2ª Edição

1ª tiragem – 100 exemplares - Agosto de 2023

Edição:

Editora Casa Ferreirinha

Revisão:

Antônio Esquina Dias

Diagramação:

Hermenegildo Jose Ferreira

Capa:

Hermenegildo Jose Ferreira

ISBN –

CIP – (Cataloging-in-Publication) – Brasil – Catalogação na Publicação

Ficha Catalográfica feita na editora

Ribeiro, Esmeraldo Antonio Ribeiro

Lembranças da minha vida sob a sombra do meu pê de Ipê Amarelo/ Esmeraldo Antonio Ribeiro

2 ed. Palmeira d'Oeste (SP), Editora Casa Ferreirinha, 2023. 120 p.; 15,5 x 23cm;

Índice para catálogo sistemático

1. Literatura Brasileira 2. Histórias I. Título

Casa Ferreirinha

Av. Euclides da Cunha, 4979 - Centro - Palmeira d'Oeste - SP - CEP: 15.720-000

WhatsApp: 17 996 414239

meneferreira@hotmail.com

Lembranças
da minha Vida
sob a Sombra do
meu Pé de Ipê
Amarelo

EDITORA
CASA FERREIRINHA



Dedico este livro à minha esposa Lourdes, merecidamente, pelos nossos 62 anos de união. Se eu pudesse pedir a Deus que me desse, eu pediria mais 62 anos, mas sei que não posso... Não posso!

Dedico também a meus filhos: Adriana, Cristiana e ao saudoso Júnior (carinhosamente chamado pelos seus amigos de “Brucutu”) “in memoriam”)

Esmeraldo Antonio Ribeiro
Palmeira d’Oeste (SP), 29 de julho de 2023

Apresentação

Este livro é resultado da edição de entrevistas que realizei com o Senhor Esmeraldo da Farmácia durante o mês de novembro de 2021. O propósito inicial era a produção de “spots” para serem veiculados no programa “Pedaços da História de Palmeira d’Oeste -Skala Fm - ampliando os horizontes da nossa cultura” da rádio Skala Fm, 105,9 mhz de Palmeira d’Oeste (SP) - site: www.skalafm.org.br.

As entrevistas seguiram o modelo de caracterização do modo de vida e fatos para ficarem registrados na história de Palmeira d’Oeste, e evoluíram para a história de vida do Senhor Esmeraldo.

No início, não se pensava em transformar essas entrevistas em livro, porém, no decorrer delas, fiquei ciente do desejo do Senhor Esmeraldo deixar registradas as suas memórias em um livro impresso. Por esse motivo, as gravações foram transcritas e editadas pelo seu amigo escritor professor Esquina, e por mim, em formato impresso e também no formato digital disponibilizado no link <http://skalafm.org.br/biblioteca/>.

Nesta segunda edição foram acrescentados alguns capítulos.

Hermenegildo Jose Ferreira



Prefácio	10
Porque escrever este livro	11
Sou brasileiro de sangue europeu	11
Fazenda Soledade	11
A lembrança e a saudade andam de mãos dadas.....	12
Minha formação escolar.....	13
Um dia de criança.....	14
Brincando de Folia de Santos Reis.....	14
Outras brincadeiras da infância.....	15
Relatos de uma aventura - O começo de tudo nesta região.....	16
Como fui educado.....	17
A Natureza geográfica daquela época	18
O fogaréu	24
Reminiscências de minha mocidade	25
Juca Valentão	26
A argenina ferosa	28
Donato Botta	28
As caçadas	29
Meu mustang preto	29
Quebra boteco	29
Minha participação no Exército Brasileiro	30
De volta a Palmeira d'Oeste	31
A natureza virgem da época: cobras e lagartos	32
As casas de barro e o bicho barbeiro	33
A vida pacata, mas feliz de um passado recente	34
O sertanejo, forte, corajoso, destemido e perseverante	35
Como constituí minha família	35
Nossas primeiras viagens	36
Os estrangeiros em nossa região	37
A contribuição positiva dos migrantes e imigrantes	38
Alguns nomes de famílias de origem japonesa que participaram da história de Palmeira d'Oeste	38
O comércio engatinhando.....	38
Alguns nomes que contribuíram para o desenvolvimento do	39
comércio/indústria/serviços	
Palmeira d'Oeste: de vilarejo a distrito	40
Recordando o passado	41
As primeiras Festas do Peão Boiadeiro	41
Mário Serra e seu revólver 38	42
Uma pendenga	43
O trágico final de um casal de professores	44
A Saúde em Palmeira d'Oeste	45
Antigas personalidades: João Missoni, um caso à parte	46
José Vicente Vicente, o fundador de nossa cidade	46
Minhas pescarias	48
Atividades profissionais diversificadas	49
Quando não deixei escapar a sorte do Zé Roveri	50
Meu primeiro dia como cirurgião	51
Deixei por uns tempos o trabalho na farmácia do Zé Roveri	52
A aventura mato-grossense	53
Mascateando nas glebas mato-grossenses	54
O frango com arroz	55
Uma outra aventura, esta com meu irmão	56
Salvador Garcia, o salvador da pátria	57

Nas idas e vindas, um acidente	57
O desespero do meu pai	58
Minha volta a Palmeira d'Oeste	58
Quando compramos a farmácia do Gerônimo	60
Briga entre cachorro grande e cachorro pequeno	61
Cavalo arriado passa perto só uma vez	61
Sobre três amigos	62
Vendi a Farmácia Central	64
Dóra	65
Epílogo	66
Jeitão de Caboclo	66
Terminarei dizendo assim... ..	67
Agradecimento	67

Prefácio

Sempre que vamos falar, neste caso escrever, sobre alguma coisa ou sobre alguma pessoa, vem-nos à memória a grande lição contida na seguinte frase: “Para se falar ou escrever sobre algo, pessoa, lugares, objetos, coisas, enfim, é preciso ter o mínimo de conhecimento sobre o que se vai falar ou escrever”. É uma verdade insofismável, a qual não se pode ignorar sempre que “nos dispusermos” a falar ou escrever sobre algum assunto, pessoa, acontecimento, enfim...

No momento em que nos decidimos a escrever, prefaciá-lo, este livro de memórias sobre a vida e a história do dileto amigo *Esmeraldo Antonio Ribeiro*, rogamos a Deus, em quem acreditamos que nos dê a sua bênção inspiradora para falar, escrevermos sobre esta pessoa ímpar no que diz respeito à sua índole, ao seu caráter, à sua personalidade! Esmeraldo Antonio Ribeiro, para os mais antigos, Esmeraldo da Farmácia, é um marco, um ícone da cidade e região de Palmeira d’Oeste; inclusive é um dos pioneiros desta progressista cidade.

Quando aqui chegou, em setembro de 1946, contava com apenas 13 anos de idade; hoje comemora 90 anos, portanto, só residindo em Palmeira d’Oeste, são 77 anos!

Nós o conhecemos já como farmacêutico prático ou “Dono de Farmácia”, mas a sua história como morador de Palmeira d’Oeste, começou muito antes, como já foi dito acima. Sabemos que foi sempre um batalhador, honesto, progressista, grande esposo e pai, verdadeiro chefe de família! Sabemos também que é apreciador da boa música sertaneja raiz e não dispensa a participação em uma Roda de Viola ou uma Cavalgada Popular por estradas de terra da região, com pousadas ao relento, churrascos e muita descontração, simplicidade e alegria (Também gostamos muito disso tudo). Depois de trabalhar uma vida inteira, inclusive no desbravamento do sertão de nossa região, como veremos no decorrer deste livro, passou a ser comerciante, herdando de seu cunhado, José Roveri, de saudosa memória, o “ofício” de farmacêutico. Por muitos anos, diria, por muitas décadas, exerceu com dignidade, respeito e consciência, esta honrosa profissão; casou-se, formou sua família particular e, então, decidiu escrever a sua vida, no intuito de passar para os amigos, principalmente para as novas e futuras gerações, um pouco do seu viver. É este o maior objetivo deste opúsculo que ora apresentamos, com muito gosto e muita honra!

Parabéns pela feliz iniciativa, amigo Esmeraldo, e que todos os que tiverem o prazer de ler a sua História de Vida, possam se alegrar com suas façanhas e aventuras e delas usufruírem para, quem sabe, enriquecerem as suas próprias vidas! Grande abraço, querido e sempre amigo.

Antonio Esquina Dias

Porque escrever este livro

Comandado por uma vontade imensa de voltar, numa ilusão quimérica dos meus sonhos, em noites de lamentos da minha Alma ou Espírito, e na fragilidade dos meus conhecimentos, e com a licença do meu grande arquiteto do universo.

Do livro Onde canta o sabiá - sonhos e memórias de um boticário do sertão, de José Roveri.

Estimulado e com a colaboração dos meus amigos, Professor e escritor Esquina e o radialista Dr. Hermenegildo Ferreira, me propus a escrever algo sobre minha vida. Reuni pedaços do meu passado que muito se entrelaça com o passado da minha querida Palmeira d'Oeste.

A história deve ser contada!

Sou brasileiro de sangue europeu

Minha ascendência é mista: meu bisavô materno era de Portugal (Ilha da Madeira) e veio para o Brasil. Ele trabalhava em Resende, no Rio de Janeiro, e exercia a função de fiscal de escravos, tomava conta dos negros na senzala, e, de repente, se apaixonou por uma escrava negrinha, vindo a “comprar sua liberdade”. Em seguida, casou-se com ela, com quem teve seus filhos, entre eles o meu avô. Já meu pai era nascido na cidade de Condeúba, no estado da Bahia, descendente de franceses e portugueses, tanto que tinha olhos azuis e nem parecia nordestino; portanto, em minhas veias, corre um sangue misto.

Fazenda Soledade

Eu nasci em uma fazenda há uns 35 quilômetros de Jardinópolis (SP); nasci num recanto feliz, brincava muito com minha irmã Alaíde (a mais velha) e o Wilson (na época, o irmão mais novo). Lá, se ouvia o cantar dos pássaros, o piado das perdizes e o murmurar do riacho no fundo do quintal onde minha mãe lavava roupa. Quando chegou a idade de ir para a escola, íamos eu e a Alaíde.

Na porteira do quintal de casa, tinha um pé de ipê amarelo, tão lindo que até hoje, depois de 90 anos, quando estou meditando com os olhos fechados, ainda vejo sua beleza.

Quando eu tinha oito anos, minha família mudou-se para Arapongas, no rico estado do Paraná, a cidade estava se formando e foi um tempo bom da minha infância. Lá conheci o “picolé” (sorvete de palito), custava “1 tostão” cada um. Minha família, depois de 11 meses, voltou a morar na Colônia Limeira da Fazenda Soledade.

A lembrança e a saudade andam de mãos dadas

Na Colônia Limeira da Fazenda Soledade eu, na minha infância, joguei peteca, rodei peão, joguei biroca, rodei peneira, joguei bola de pano. A bola de pano era feita de meia cheia de areia e casca de arroz que nós socávamos no pilão, “ô tempinho bão”! Até os moços entravam na farra.

Que saudade tenho do tio Deraldo, da tia Geracina, das primas e primos: Celsino, Geni, Regina, Guimar, Aparecida, Zezé e Reinaldo.

Nós éramos “meeiros”, e morávamos próximos da Colônia Limeira, uma área de 30 alqueires, cercada com doze fios de arame farpado, com cadeados nas portei­ras de entrada e saída. Lá moravam umas 80 famílias de colonos, todos confinados. O local era chamado de “mangueirão”. Às cinco horas da manhã, o administrador subia na porteira e tocava a buzina para acordar o pessoal. Às seis horas outra vez, agora para se apresentarem ao serviço. Os colonos com suas marmitas cheias, moringas d’água cheias e o administrador com seu cavalo na porteira contando um por um dos que iam para a lavoura. Se faltasse alguém, ele ia até a casa saber se estava doente ou não.

Até os meus 13 anos de idade eu não saía da garupa do burro Ladrão, um ótimo marchador. Por que chamava Ladrão? Naquele tempo tinha muito ladrão de animal, principalmente de animal bom, hoje roubam carro. Este burro foi roubado três vezes e voltou sozinho todas elas. Por isso o tio Deraldo colocou o nome nele de Ladrão. Ele abria porteira, pulava mata-burro, cortava corda ou cabo de cabresto; “vazava” qualquer cerca, pulando ou passando por baixo dela. Meu tio Deraldo só andava nele e eu na garupa. Nós sempre levávamos uma corrente e dois cadeados, um para por no seu pescoço e um outro para por no mourão, assim ninguém poderia roubar o burro Ladrão.

Eu era o mensageiro do tio, ele tinha um armazém e fornecia para os colonos da Colônia Limeira e para outras fazendas. Cada filho do patrão tinha uma fazenda, todas grandes, e eu ia levar as compras de carrinho de roda dura (roda de pau) com uma mulinha branca por nome Faceira, êta mulinha boa. Ela até sabia para onde nós íamos: Fazenda Jequitibá, Mata da Chuva, Limoeiro, Vale Formoso, Santa Fé, Embiruçu, Porangaba... Eu fazia isso tudo sozinho.

No tempo de moer cana, junho, julho e agosto, eu era o responsável pela moenda. Meu pai e tio Joaquim batia tacho para fazer rapadura. Tudo isso foi muito bom, aprendi muito.

Vindo para Palmeira aprendi muito também. Vi muitas coisas boas e ruins.

Minha formação escolar

Não tive o privilégio de estudar, morava em fazenda, só havia escola entre o primeiro e terceiro ano. Meus estudos foram poucos, muito poucos; formei-me na escola da vida que é a mais rica e a mais completa.

Na Fazenda Soledade, onde morei em minha infância, havia uma escola mista que ficava há uns três quilômetros da minha casa. Agente ia a pé até a escola, eu com uma calça curta azul com suspensório e camisa branca, e a Alaíde com saia azul e blusa branca (assim eram os uniformes escolares). A bolsa para carregar o material escolar era um embornal de brim azul que minha mãe fazia.

A professora vinha de ônibus de Jardinópolis, era escolhido um aluno para buscá-la no ponto do ônibus. O trajeto até a escola era de mais ou menos uns quatro quilômetros e era feito com uma charrete de roda de pau, puxada por uma éguinha chamada “Boneca”. Antes de entrar na sala de aula, diariamente, todos os alunos ficavam em fila e cantavam o hino nacional.

Posteriormente, minha família (pais e irmãos) mudou para Arapongas (PR), mas logo voltamos para a mesma Fazenda Soledade, na qual consegui cursar o segundo ano e depois o terceiro; sempre acompanhado por minha irmã, Alaíde, mais velha que eu. Quando terminei o 3º ano, fui direto para a roça, pois o 4º ano só existia na cidade; portanto, não pude concluir sequer o 4º ano, mas aprendi bastante.

Matemática era o meu forte, principalmente as tabuadas, também gostava de História do Brasil, que aprendia com certa facilidade.

Todos os dias em que íamos para a escola, pegávamos um galho com flor para levar para a professora.

Tenho a felicidade de ainda conviver com uma coleguinha dos tempos de escola, hoje uma senhora, a “Jacira Cestari” (sua família mudou-se para Palmeira d’Oeste na mesma época que nós). Que saudades eu tenho do meu tempo de escola.

Lembro-me de um “capador” (castrador) de porcos, por nome “Seu Flora” que, quando ia à fazenda, ficava de dois a cinco dias capando porcos e porcas. Lá tinha muito porco e eu era seu ajudante. Apesar da pouca idade, era um ótimo laçador de porco.

“Seu Flora” morava em Ribeirão Preto (SP) e admirava meu conhecimento escolar e minha destreza, e insistia para que meus pais me deixassem ir morar com ele para que eu pudesse prosseguir nos meus estudos, mas meus pais nunca concordaram com a ideia.

Não se envergonhe de ser humilde

A humildade consiste no conhecimento perfeito daquilo que somos e que podemos, sem fantasiar-nos com qualidades que não temos.

Humildade não é posição de corpo nem tom de voz: é posição de espírito, que sabe o que é o que pode, e não precisa manifestar-se aos outros: vale para si mesmo. Seja, pois, humilde!

Minutos de Sabedoria - C. Torres Pastorino.

Um dia de criança

Eu fui um daqueles meninos criados em fazenda. Conheço o campo e o cerrado.

Aos domingos, eu com os meus amiguinhos, pegávamos os nossos estilingues e íamos para o campo caçar rolinhas, inhambu, codornas e colher pequi, comer bacupari, chupar murici, gabiroba e pitanga; comer goiabinha do mato, araçá, chupar marmelo, comer marolo, gravatá e jatobá. À tardinha, voltávamos para o “corguinho” para chupar veludo, bater peneira e pegar lambari.

Foi assim que eu fui criado no meu tempo de criança, assim foi a minha infância...

Voltávamos para casa quase à noitinha, tomávamos um gostoso banho de bacia e, às vezes nem jantávamos, tão cansados nos encontrávamos; dormíamos como verdadeiros anjos, felizes e prontos para as tarefas do próximo dia...

Brincando de Folia de Santos Reis

Quase uma tragédia!

Minha mãe estava lavando roupas num “corguinho” próximo da nossa casa. Minha irmã Alaíde e eu estávamos brincando. Eu usava um calção de seda, tipo macacão, ela amarrou uns pedaços de pano numa vara, atirou fogo e veio para cima de mim gritando “Viva Santo Reis”. Ela encostou em mim e minha roupa de seda incendiou rapidamente, pegou fogo igual pólvora.

Eu desci gritando para o lado do córrego. Minha mãe, que me viu todo em chamas, desesperada, não sabia o que fazer, não sabia se me atirava no córrego ou se jogava terra para apagar as chamas. De repente, envolveu-me num lençol molhado, me jogou na água e apagou o fogo que já estava consumindo minha roupa e minha pele. Depois ela começou a puxar aqueles pedaços de seda e saía o meu couro junto, fiquei em carne viva.

Não tinham recursos naquela época, dali fui socorrido em casa mesmo, com muita clara de ovo batida e óleo de mamona. Minha mãe me colocou deitado em três ou quatro folhas de bananeira bem novas, bem viçosas e com rezas e

benzimentos da tia Maria (uma velha curandeira, mineira, parteira e minha madrinha de batismo), que sempre era chamada nestas horas de emergência.

Fiquei em repouso por muitos meses até me recuperar; tratamento médico, nessa época, não existia, vacinas também não, nem vacina contra tétano tinha, o jeito era se curar com ervas e orações.

Outras brincadeiras da infância

Não havia muitas opções. Os meninos brincavam de “esconde-esconde” (“pique”), onde um defendia o local do “pique” e o restante do grupo saía e se escondia. O dono do “pique” tinha que achar um por um e, quando achava, gritava “fulano pego, um dois três” batendo no “pique”. Quem estava escondido, para se salvar tinha que correr até o “pique”, sem o dono do “pique” ver, e bater no “pique”. Era muita correria!

Havia também o “pega-pega”, muito semelhante ao brinquedo anterior e bem mais bruto. Como não havia luz elétrica, as brincadeiras quase sempre tinham, como saldo, pés cortados, pernas esfoladas e até braços fraturados; mas não se fazia dramas dessas “inconsequências”, tudo era encarado com normalidade.

Os ferimentos eram tratados em casa com “urina, alcanfor, “erva-de-Santa-Maria” e benzimentos”. Ninguém se socorria de farmácias, médicos e hospitais, a não ser quando a gravidade exigia.

Outra brincadeira muito boa entre os garotos eram os jogos de futebol: todos descalços, com calções feitos em casa pelas mães e avós, a bola quase sempre de meia ou bola de “capotão”, mas era muito bom.

Tinham os jogos com biroca (pequeno buraco feito no chão) para um tipo de jogo de bola de gude (bolinhas de vidro). Também faziam parte das brincadeiras infantis, as disputas com os peões de madeira; o jogo com felipes de café (eu jogava muito, quanta saudade!) e lógico, as caçadas de estilingue pelas redondezas.

Já, as meninas brincavam com rudes bonecas de pano; rodas de passar o anel, cantigas de ninar e quase sempre ajudavam as mães a cuidar dos afazeres domésticos, inclusive no cuidado com os irmãos menores.

**Onde quer que encontre uma criança,
derrame sobre ela todo o seu carinho,
estenda-lhe a mão para ajudá-la a crescer**

*Em cada criança, existe um dia novo que surge
para a felicidade do mundo.*

*Em casa, na escola, num jardim, num hospital,
jamais olhe com indiferença para uma criança:
facilite ao máximo a estrada que ela vai percorrer
semeie de flores o caminho que ela palmilhar.*

Relatos de uma aventura O começo de tudo nesta região

Meus pais, meus irmãos e eu viemos de uma fazenda próxima a Jardinópolis, região de Ribeirão Preto (SP), de onde saímos no dia 2 de setembro de 1946, e aqui chegamos no dia cinco, eram 8 horas da noite e eu contava com 13 anos de idade.

Gastamos três dias de viagem, devido ao transporte da época: veículo modesto, estradas de terra pura, pontes de madeira rústica. Isso até Jales, pois de lá até Palmeira d'Oeste tivemos que vir ajeitando a picada da mata por onde passavam boiadas e mudanças. Então, pessoas da família (os homens adultos e jovens), com facões, foices e machados, vinham à frente do comboio aparando os cipós, galhos de árvores, tabocas e pequenos arbustos para que o caminhão com a mudança pudesse passar e chegar ao seu destino, no nosso caso, Palmeira d'Oeste.

Chegamos à noite, paramos em frente a um rancho de sapé e dormimos em cima do caminhão. O dia amanheceu e minha irmã Alaíde só chorava; eu e o meu irmão Wilson pulávamos de alegria ao ver tantos pássaros, veados mateiros e cotias (nunca cacei tanto na minha vida igual cacei aqui).

Marinópolis também não existia, era um povoado com meia dúzia de ranchos de sapé e recebia, na época, o nome de “Vila Moreira”.

Atualmente, estou com 90 anos de idade dos quais, com muito orgulho, 77 deles vividos aqui em Palmeira d'Oeste.

Sou filho de João Antonio Ribeiro e Josephina Machado, o segundo filho deste saudoso casal. A primogênita é a mana Alaíde; depois de mim, vieram Wilson, Ivanilde, Ilma e o caçula, Dilson, este nascido em 1949 aqui em Palmeira d'Oeste!

Muitas são as lembranças que conservo registradas em minha memória; lembro-me perfeitamente e com muita saudade do Sr. Orestes Ferreira de Toledo (agrimensor que demarcou todas as terras da região e o loteamento da vila). Sempre que precisava ir a Jales, ele visitava meu pai e pedia autorização para que eu, com 13 para 14 anos, lhe fizesse companhia, isso na garupa de uma mula, chamada “Borboleta”, que era o meio de transporte usado pelo Sr. Orestes.

Quando chegávamos a Jales, que só possuía a avenida central, atual “Francisco Jales”, nos alojávamos em uma pensão, construída com madeira e coberta de sapé, pertencente ao Senhor “Reliquías”. Ali, desarreávamos a mula, dávamos um banho na mesma e com o embornal de milho que levávamos, dávamos de comer ao animal que havia nos transportado por mais de 30 quilômetros... Lá pelas dez horas, almoçávamos e, depois de seus afazeres, já na parte da tarde, ele me avisava que estava na hora de retornar. Então, eu preparava a mula novamente e regressava sozinho com recomendações especiais para com a mula (banho, comida, pastagem) e que eu não deixasse ninguém fazer uso da mesma (ele tinha muito ciúmes dessa mula).

Ele seguia para São José do Rio Preto (SP) e já deixava marcado o dia de sua volta, quando então eu deveria buscá-lo neste mesmo local e com a mesma “Borboleta”. Saliente-se que até Votuporanga (SP) o transporte era de “jardineira” e dali para Rio Preto era com o Trem “Maria Fumaça”. Bons tempos!

Essa aventura de ir a cavalo de Palmeira d'Oeste até Jales eu repeti inúmeras vezes: ora levando e buscando o Sr. Orestes, ora acompanhando o Sr. José Roveri (primeiro farmacêutico de Palmeira d'Oeste), que mais tarde se casaria com minha irmã Alaíde, tornando-se, pois, meu cunhado. Muitas vezes fazia este trajeto para levar sacos de arroz em casca para serem “beneficiados” em máquina de “benefício” de arroz de Jales, uma vez que inexistiam em nossa vila... Outras tantas vezes, em companhia de um amigo por nome Antonio, fazíamos este trajeto de carro de boi e com carga de mais de vinte sacos de arroz para serem limpos, beneficiados na pequena máquina de Jales. Às vezes chegávamos lá e tínhamos que entrar na fila, tal o número de pessoas que lá compareciam para o mesmo trabalho.

Muitos dias tivemos que soltar os bois para pastar, beber água e descansar; então pernoitávamos na fila para, no dia seguinte, cumprirmos nossa missão. Às vezes, tínhamos que ficar mais de um dia, mais de uma noite. Vale ressaltar que dormíamos ali mesmo, em “camas” improvisadas sobre o monte de palha (cascas) de arroz, sob a luz do luar, contemplando as estrelas e sonhando com o futuro, coisas de adolescentes!

Como fui educado

Meu pai era uma pessoa um tanto sistemática e rígida com os filhos. Eu era um menino um tanto peralta, tanto é que geralmente apanhava dia sim e o outro dia também! Para sair com um amigo tinha que pedir e, se dissesse não, era não!

Eu era bem medroso, à noite não saía de casa nem para urinar na privada que ficava no fundo de casa.

Num sábado, umas cinco horas da tarde, eu estava plantando cana no quintal, cansado que só “o burro do Manoel Guilherme”, e minha irmã Ilma (era a caçula na época) de repente foi chorando falar para o meu pai que eu tinha batido nela. Ele veio como um “xerifão”. Eu sabia que ia tomar uma surra. O detalhe é que a gente apanhava e era proibido falar, gritar e chorar. Naquele dia, não sei se foi meu anjo da guarda ou o “capetão” que estava do meu lado: eu encarei-o velho, quando ele desabotoou o cinturão e pegou no meu braço, encarei-o, olhei nos olhos dele e disse:

- Bate pai, batee me mata!

- Porque se o senhor bater e não conseguir me matar, o senhor está vendo aquela mata ali na frente?

- Vou por ela e o senhor nunca mais vai me ver!”.

Ele soltou o meu braço, baixou a cabeça e saiu de fasto. Depois daquele dia ele nunca mais bateu em um filho. Eu tinha 14 anos. Neste dia, tornei-me um homem; nunca mais precisei pedir nada para meu pai, fiquei independente, nem presente dele eu aceitava.

A Natureza geográfica daquela época

Quase todas as cidades do Brasil têm suas origens em baixadas, algumas bem próximas de rios e até do mar. Era estratégico, pois facilitava a “produção”, digamos assim, de água potável para a subsistência humana e, também, dos animais. Por isso, as residências (ranchos de sapés, casas de pau a pi que, ou de barro) eram construídas nas baixadas. O mesmo acontecia com as estradas, verdadeiras picadas, abertas na vegetação mais fraca, rasteira e que facilitava sua “construção”.

Os riozinhos, popularmente chamados de córregos, só possuíam água quando chovia, pois as matas existentes não propiciavam a existência de águas correntes. Com o passar do tempo, e com as chuvas que caíam abundantemente, as derrubadas foram acontecendo e as grandes extensões de mata virgem foram transformadas em ricas lavouras de café, milho, banana (Palmeira d’Oeste foi o maior produtor de bananas do estado de São Paulo no início da década de 1960), algodão, amendoim, mais tarde de laranja, limão e outras culturas... Assim, as “águas” subiram das profundezas da terra e surgiram os córregos e lagos. Então, quando chovia aparecia o lamaçal (os barreiros, atoleiros) nas baixadas das estradas e as mesmas tiveram que mudar de lugar. O mesmo aconteceu com as residências, que também mudaram de aspecto para maior conforto dos habitantes, evoluíram, e agora eram casas de tábuas e muitas de tijolos!

Na época que cheguei aqui nessas paragens, as aguadas, como temos hoje, não existiam, apenas o rio São José dos Dourados era realidade, mesmo assim, de largura e profundidade limitadas, tanto que se poderia atravessá-lo a pé.

Os nossos córregos mais conhecidos, como o Córrego da Anta, Córrego do Coqueiro, Córrego do Cervo, Córrego do Sucuri e outros mais, eram apenas baixadas úmidas, não havia água corrente, só mesmo quando chovia... E naquela época chovia muito, então os “córregos” passavam a ter água corrente; de resto era tudo seco, inclusive a água para beber, cozinhar e outras utilidades era conseguida através dos poços, as ditas cisternas, que eram de difícil construção, pois eram profundas e as pedras dificultavam a perfuração para se encontrar o precioso líquido...

Com relação à natureza, tínhamos nossas matas, campos, poucos cerrados, e apenas um rio.

A vegetação nativa proporcionava a existência de várias espécies de animais silvestres: cateto, anta, capivara, cutia, tatus, lagartos, veados (principalmente o “mateiro”, espécie com chifre encapado também chamado de “guatapará”), pacas, macacos e outros mais.

Na época, a caça não era proibida, e, também, pela condição financeira dos habitantes do sertão, aliada às condições precárias de sobrevivência, ela era um dos fatores de sobrevivência dos heróis sertanejos que, após capturarem os animais, os transformavam em alimento diário.

Não havia geladeira, sequer energia elétrica, as “carnes” eram curtidas no sal, estendidas em varais, expostas ao sol para sua conservação e posterior consumo.

Aves existiam em abundância: o curiango, o pássaro preto, obicudo, o jaó, o jacu, a codorna, o inhambu, além de periquitos de várias espécies: maracanãs,

maritacas, papagaios e até araras. Muitas dessas aves ficavam tão amigas dos moradores que vinham comer milho no terreiro das pacatas residências, misturando-se com as galinhas, patos e outras aves domésticas.

Nossas matas eram quase todas de árvores centenárias, muita “madeira de lei”, cuja terra onde estavam eram muito férteis, apropriadas para as futuras lavouras cafeeiras. Além das enormes palmeiras (coqueiros de várias espécies, principalmente gairova), havia os jatobazeiros, os angicos, as aroeiras, as patacas (também conhecidas como pau-terra), farinhas seca, perobas, cedros e poucos ipês, enfim, a mata era muito boa mesmo.

Na época das derrubadas, os “machadeiros”, muitas vezes, gastavam três ou mais horas para derrubar um angico, tal a sua rigidez, principalmente do chamado “angico preto”. Muitas pessoas tiravam as cascas dos angicos para serem usadas nos curtumes de couro, prática que durou muito tempo, até a diminuição considerável desta espécie de árvore. Outra árvore que servia diretamente aos “sertanejos” era a chamada “jaracatiá”. O interior dos caules do jaracatiá, chamado “miolo”, mole e adocicado, era usado na fabricação artesanal do doce “tijolo-baiano”. Tinha um engenho de cana-de-açúcar no Córrego do Coqueiro, tocado por animais (cavalos, burros, bois) onde retiravam o miolo do Jaracatiá para fazer o “tijolo-baiano”. Retirado o miolo do Jaracatiá sobrava um tubo, com casca de 3 a 5 centímetros, muito utilizado para armazenar feijão para evitar carunchos. O Jaracatiá dava frutos parecidos, em forma e sabor, com pequenos mamões muito apreciados pelos macacos, acho que esta árvore atualmente está extinta em nosso município.

Uma curiosidade sobre a existência de dois jatobazeiros existentes na vila que começava a crescer: distantes uns quatro ou cinco metros um do outro, serviam de “cadeia” para os chamados “arruaceiros”.

A autoridade policial não era formal, era designado um morador local chamado de “bate pau” e trocado de tempos em tempos.

O primeiro “bate pau” penso que foi o Bráulio, um sujeito que antes morava na vila de Estrela d’Oeste.

Os arruaceiros eram amarrados nos troncos dos jatobazeiros e só eram libertados quando o dia amanhecia. Daí, rumavam para seus ranchos, suas moradias e o “castigo” recebido servia de reprimenda por alguma temporada... Quando os conflitos envolviam problemas mais graves, os responsáveis eram enviados para Votuporanga ou Pereira Barreto, cidades referências para aquela época.

Houve um período em que, por “divergências” entre Pereira Barreto e o Dr. Euphly Jales, que era o maior nome da região, a vila de Palmeira d’Oeste foi dividida ao meio, ficando parte pertencente a Jales e parte pertencente a Pereira Barreto. Imaginem alguém morando do lado pertencente a Jales e com propriedade rural do lado de Pereira Barreto! A pessoa tinha que pagar impostos nas duas cidades.

Em minha juventude, curtida em pleno sertão, fui “derrubador” de árvores, popularmente conhecido como “machadeiro”. Assim era chamado o sujeito que era contratado para derrubar o “mato” para posterior plantação de café, arroz, milho, feijão e outros cereais.

Às vezes, eu pegava uma empreita para derrubar alqueires e mais alqueires de matas, tudo no machado. Arrumava alguns companheiros e nos embrenhávamos na mata, onde construíamos cabanas, cobertas de folhas de coqueiro. Ali cozinhávamos, dormíamos em camas feitas com madeira, tipo tarimba e forrávamos com capim Jaraguá.

O relógio para nós era o Sol. Trabalhávamos semanas inteiras, derrubando árvores e mais árvores, as mãos ficavam marcadas. Até hoje tenho calos do cabo do machado, chegava a dar câimbras nos dedos!

Havia entre os “machadeiros” uma disputa, vejam só, para se apurar quem derrubava mais árvores em determinado tempo (coisa de jovens daquela época). Os colegas Tunicão do Benvindo, Zé do Chiquinho, o Bento, o Altino, todos queriam ser o melhor... Quando topávamos com um jatobazeiro bem grande, juntávamos em quatro machadeiros para derrubá-lo!

Recordo-me de um pequeno episódio quando estávamos derrubando uma grande árvore: eu e o Baiano Divino fazíamos o corte transversal, chamado “barriga”, enquanto meu irmão Wilson e o “Seu Zé” (outro Baiano) trabalhavam nas costas do jatobazeiro. De repente o machado do meu irmão saiu do cabo e como um raio atingiu a perna do “seu Zé”, mais precisamente na região da barriga da perna (pan-turrilha), o sangue se fez presente em segundos, alarmando a todos nós. Imagine, naquele “fundão de meu Deus”, longe de casa e distante de socorro, o alvoroço que foi. Tive uma ideia brilhante para aquele momento: retirei do pescoço o lenço que usava para me defender dos mosquitos, amarrei com firmeza a perna machucada e urinei sobre ela na tentativa de diminuir a dor e estancar o sangue que teimava em jorrar em grande quantidade.

Passado o susto e feitos os “primeiros socorros”, veio a grande dúvida: o que fazer com o amigo? Andar ele não conseguia, carregá-lo nas costas seria uma alternativa. Como eu era o mais forte, tinha meus 18 ou 20 anos, não tive dúvidas: agachei-me um pouco e ele se acomodou em minhas costas, ajudado pelos outros dois companheiros. Saí andando passo a passo com ele no meio de galhos, espinhos e toda a dificuldade do momento até atingir a picada, onde nossos animais ficavam amarrados. Ali arriei meu cavalo e consegui colocá-lo sob o lombo do mesmo. Depois de algum tempo, chegamos na estrada, ali próximo, onde hoje é o motel. Em seguida, rumamos para Palmeira d’Oeste.

Chegados em casa, ele foi submetido a tratamento com “erva-de-Santa-Maria”, óleo de mamona e outros “medicamentos” caseiros, comuns e eficientes para a época.

Em sua casa, ele permaneceu durante quarenta dias, deitado e sem fazer nenhum esforço físico, sequer precisou ir para um posto de saúde ou hospital. No final das contas, se curou, voltou a trabalhar mais algum tempo e depois retornou para sua terra natal...

Por essa época, Palmeira d’Oeste, que já tinha esse nome, possuía apenas uma rua, a Marechal Rondon (nome posteriormente modificado para avenida Antonio Fernandes Garcia), ladeada por pequenos ranchos de sapé, algumas casinhas de pau a pique, a modesta farmácia do Zé Roveri (construção de tábuas), uma humilde capela (construída por José Vicente Vicente, de pau a pique coberta

de sapé e altar feito com um tronco roliço de árvore), a pensão do João Siqueira, bem ali onde era a oficina do Mário, na rua Brasil, número 5291, que era um misto de alojamento e boteco. Ela era coberta de sapé e a frente, onde funcionava o “boteco” era coberta de telhas comuns. Na esquina, onde hoje está a quadra municipal, tinha uma casa de pau a pique embarreada, onde era a loja do Sr. Nelson Simão, e outros ranchos mais, onde residiam o Horácio Silvestre, o José Eufrásio e suas respectivas famílias.

Em zona rural ninguém falava, pois, os primeiros habitantes deste sertão bravio eram chamados de “posseiros”, pessoas que se aventuravam pela floresta para ganhar a vida. Uns “tomavam conta” de propriedades de alguns fazendeiros que residiam distantes, Ribeirão Preto, Araraquara, São José do Rio Preto e outras regiões.

Os primeiros moradores vieram para cá em 1930. Era a Família do Manuel Francisco de Almeida (mais conhecido como Manezinho Baiano). Eles moravam na cabeceira do Córrego do Cervo, ele era posseiro, aliado ao Coronel Joaquim de Lima Moreira, proprietário da Fazenda Palmital, de 12.070 alqueires de terra virgem!

Em 1939, foram vendidos 550 alqueires para Thomaz Vicente Vicente, que destinou 100 alqueires para seu filho, José Vicente Vicente, e 50 alqueires no Córrego da Laranjeira, para o senhor Ângelo Scarpin, seu antigo conhecido e meeiro em sua fazenda na região de Pindorama (SP).

Otávio Scarpin, filho de Ângelo Scarpin, disse que quando José Vicente Vicente decidiu fundar um “patrimônio” em suas terras, loteando parte dela, iria chamá-lo de “Nova Pindorama” para homenagear sua cidade de origem.

Orestes Ferreira de Toledo, agrimensor, fez a demarcação dos lotes e sugeriu o nome de Palmeira d’Oeste devido ao grande número de palmeiras existentes no local (principalmente gairovas, também chamada de guariroba), o que foi imediatamente aceito pelo Zé Vicente.

Ironicamente, não temos nenhum “pé de gairova” em nosso jardim da praça da matriz, hoje chamada de “José Vicente Vicente”, numa justa homenagem ao seu fundador.

Não havia segurança nenhuma, cada um vivia do jeito que queria e que lhe trazia certo conforto. Criavam-se aves, porcos, cabritos e viviam da caça, sem muita preocupação com o futuro.

Tinha um caboclo que morava lá pelas bandas do Córrego do Coqueiro que se vestia com roupas feitas de couro de cateto, cheirava tão mal que nem os animais conseguiam ficar perto dele. Sujeito arredio, quando começaram a chegar os novos moradores, ele foi embora para o lado do Mato Grosso.

Tinha também um caboclo antigo, o José Basílio, este só caçava, cuidava dos seus animais e da sua tropa. Sua casa era toda aberta, os animais entravam e saíam na hora que queriam.

Conheci no Córrego do Macumã o Sr. Ângelo Galletti, dona Floripe, família Ressude. No Córrego da Laranjeira, conheci a primeira família que se aventurou por aqui, a família Scarpin e, também, o Sr. Joanas, administrador da fazenda do César de Ribeirão Preto. Na Cacique, conheci o Antônio Miranda, Inocêncio,

Pontes, a família dos Italianos e a família dos Alemães. Conheci a família Pazzini, que veio da mesma região da minha família (Jardinópolis), moravam no final do Córrego do Cervo. Também tinha a Família Cestari e ainda o José Gonçalves.

O rio São José dos Dourados teve sua ponte de madeira destruída pelo fogo. Como o rio era pequeno, podia-se atravessá-lo com facilidade. Do outro lado, residia o Tiburção, com quem meu saudoso pai, certa vez negociou alguns porcos e eu fui buscar atravessando o rio com carroça de roda de pau!

A economia desse período, após as derrubadas, girava em torno da produção abundante de arroz, milho e feijão e, mais tarde, o café e o algodão.

A cultura do algodão foi trazida e implantada em nossa região pelos imigrantes japoneses que, desde o início dos anos 1950, aportaram por aqui e colaboraram, e muito, com o desenvolvimento e o progresso de nossa região.

Como em todas as regiões brasileiras, aqui também se registram muitas “estórias” fantásticas sobre “lobisomens”, “almas doutro mundo” cobras gigantes e, principalmente, histórias de onças. Eu andei por este sertão todo, em plena mata, durante mais de dezenove anos e, francamente, nunca me deparei com uma onça! Havia muita jaguatirica, cateto, queixada, anta, veado mateiro, mas onça mesmo eu nunca vi...

A vila começou a crescer e se tornar conhecida depois que o Sr. José Vicente vendeu a parte loteada para o senhor Inocêncio Figueiredo, que começou a trazer muitas famílias da região de Catanduva e comprou também esta gleba, onde se alojaram as famílias Secafen, Garé, Bufon e outras mais. Todas adquiriam o seu pedaço de terra, providenciavam as derrubadas e, em seguida, a plantação de café. Como as terras eram muito boas, férteis e propícias para esse tipo de cultura, em pouco tempo, as terras estavam reflorestadas, só que agora com os cafezais, cuja produção, por várias décadas, foi a base da economia de Palmeira d’Oeste e região.

Mais tarde, a Fazenda Cacique, que se tornou famosa e muito conhecida pelas famílias que não cessavam de aparecer por aqui, vindas de várias regiões do estado de São Paulo e até de outros estados do Brasil, foi dividida em propriedades menores e vendidas pela CAIC (Companhia de Agricultura, Imigração e Colonização também chamada de “Cacique pelos moradores). Nada mais, nada menos do que oito mil alqueires. Com isso, foi surgindo e crescendo cada vez mais, não só a vila, que se transformou em distrito e, logo em seguida, município, como também a grande zona rural. Agora já não era mais a monocultura que prevalecia e sustentava toda a região: plantava-se também o amendoim, a mandioca, o arroz, o milho e o feijão, além do próprio café que cobria toda a área outrora recheada de angicos, aroeirase outras árvores.

A cultura do algodão também foi grande fonte de trabalho e muito colaborou com nossa parte financeira. Com relação à produção cafeeira, vale ressaltar que foram mais de três décadas de grandes colheitas anuais, a produção era garantida pela excelente qualidade do solo e pelo bom tempo que fazia com chuvas regulares. Nem se cogitava adubar as terras.

Palmeira d’Oeste fez parte do seletto grupo de maiores produtores de café do Brasil, chegou a ter, aproximadamente, trinta mil habitantes residindo principalmente na zona rural. Depois de meados da década de 1970, as intempéries

da natureza foram afetando sobremaneira os cafezais: secas de três, quatro meses seguidos, chuvas de granizo, geadas e a “fer-rugem”, terrível doença que assolava os cafezais da região. As lavouras foram enfraquecendo, muitas foram erradicadas e, já de 1980 para a frente, sobraram poucos pés de café, mantidos em pouquíssimas propriedades, para consumo próprio! Uma tristeza, pois o café, além de representar grande importância para a economia, também garantia o emprego dos chamados meeiros. Famílias inteiras se formavam através do cultivo, do trabalho, da produção do chamado “ouro preto”.

Com a ausência do café, houve o grande êxodo rural; a partir de meados dos anos 1970, famílias e mais famílias se mudaram de Palmeira d’Oeste e foram engrossar as cidades consideradas propícias para empregos. Foram trabalhar principalmente em fábricas de fiação e tecelagem. Americana, acredito, foi uma das cidades que mais lucrou com o êxodo rural de nossa região. Depois, vieram outras, como São Carlos, Limeira, Santa Bárbara d’Oeste, Campinas e, também, São Paulo, a nossa capital.

Outras famílias resolveram empreender, adentrando mais no sertão do estado do Mato Grosso, principalmente na região de Mirassol d’Oeste.

Com relação às festividades de nossa região, no início de 1950, contando parece folclore, mas era natural, casamentos, batizados, crismas e outros sacramentos serem ministrados e recebidos na cidade de Jales. No caso de casamentos, ia-se a cavalo, os noivos, padrinhos e convidados, numa verdadeira romaria.

Naquele tempo, a vila era dividida, metade pertencia a Jales e a outra metade a Pereira Barreto. A divisa era no meio do grupo escolar da época, onde hoje está a Lanchonete Cerejinha, na Rua Brasil, número 5045. A primeira missa aqui celebrada ocorreu numa igreja improvisada, foi no armazém do Penteado, onde hoje é a Quitanda Cheiro Verde, na Rua Brasil, número 5033. O padre que veio celebrar a missa e realizou os batizados veio de Pereira Barreto e, ao contrário de harmonia e celebração, houve muita briga.

Veio uma turma de jagunços de Pereira Barreto para garantir a segurança do padre e outros jagunços do Euphly Jales ficaram amoitados nos matos com carabina e outras armas, que era para não rezar a missa.

Naquele tempo, andava todo mundo armado com revólver. O Zé Cáide já morava aqui, ele tinha uns jagunços também, e ficaram amoitados no meio da mata, com umas carabinas, em frente ao que é hoje a praça da igreja matriz. Havia, de ambos os lados, os radicais que queriam ser os donos da vila, tinha muita gente armada escondida nas matas e representavam verdadeiro perigo para os que se declaravam deste ou daquele lado. De qualquer forma, a Santa Missa foi celebrada. Meu irmão Dilson foi batizado naquela oportunidade juntamente com outras crianças da época, como o Sudário Borges, o Ataíde Cestari, todos nascidos aqui e já com dois ou três anos de idade...

Com relação a cemitérios, naquele tempo, não havia um cemitério oficial. Quando alguém morria era sepultado na beira do Córrego do Coqueiro, com os caixões sendo fabricados em casa mesmo, com tábuas rústicas. As mulheres adornavam as urnas com tecidos de cores variadas, representando a faixa etária dos falecidos: se meninos, a cor era azul, se menina, cor-de-rosa; moças, jovens

solteiras, cor branca; senhoras e senhores de meia idade azul escuro e para os velhos, os caixões eram revestidos de tecido de cor preta!

As flores que cobriam os corpos sem vida eram todas naturais, colhidas nos campos e nos quintais das residências. Na fazenda do Domiciano também havia um “cemitério” e muita gente que morria por aqui era sepultada lá.

Ao lado do primeiro cruzeiro, lavrado por um senhor por nome Donato Botta, que era carpinteiro, foi construído um coreto, local onde se realizavam os leilões de prendas, frangos, bolos, leitões, cabritos para arrecadação de dinheiro que seria destinado para a futura construção da igreja. No pé desse cruzeiro foi sepultado o corpo de um homem e, posteriormente, muitas pessoas foram sepultadas em torno deste local, que hoje é a praça da igreja matriz. Tempos depois, com uma área determinada para o Cemitério atual, os restos mortais foram exumados e transportados para aquele Campo Santo!

Com relação à parte cultural, recordamos com certa emoção do primeiro cinema da cidade, construído pelo Sr. Antônio Barbosa de Oliveira, pai do amigo Benvilar. Era uma construção de tábuas na esquina da Rua Brasil com a Avenida Euclides da Cunha e funcionava precariamente. Mais tarde, já com a presença de energia elétrica, e com a intervenção do José Roveri, a família Magid construiu e explorou, por algumas décadas, o inesquecível Cine Brasil (possuía instalações e projetores de ponta para a época), o qual deu vida e muitas alegrias a todos os palmeirenses e moradores de outras comunidades que já existiam na época.

Os filmes eram exibidos às quartas-feiras, sábados e domingos (em alguns feriados também). Só para ilustrar, o filme mais visto, com toda certeza, foi a *Paixão de Cristo*, que era exibido na Sexta-Feira Santa, em várias sessões, começando às 14 horas e se repetindo até meia-noite!

Era a época dos artistas famosos do cinema internacional: Kirk Douglas, Jean Paul Belmondo, Elizabeth Taylor, Gina Lollobrigida, Sophia Loren, Brigitte Bardot, Mazaropi, Ankito, o Gordo e o Magro e por aí fora.

Nessa época áurea, muitas duplas de sucesso eram contratadas para se apresentarem no palco do cinema. Assim, vieram e fizeram belíssimas apresentações: Cascatinha e Inhana, Vieira e Vieirinha e os eternos e inesquecíveis Tônico e Tinoco. Mais tarde, já com as famosas Festas do Peão Boiadeiro, muitos desses artistas, e outro mais retornaram à nossa cidade, desta feita, em apresentações nesses eventos.

O fogaréu

Lembro de um fogo que ficou na história de Palmeira d'Oeste. O Elizeu Caprara também não esquece, foi em 22 de agosto de 1953.

O fogo veio do lado de São Francisco.

Eu, o meu irmão Wilson, três peões e mais gente de sítios vizinhos estávamos derrubando mato no Córrego do Jaguará.

Quando percebemos o fogaréu chegando... Já era tarde. Só deu tempo para arriar os animais e se mandar dali.

O Altino, o Tunicão e eu percebemos que chegar a Palmeira não dava mais tempo. Descemos para o Córrego do Coqueiro, paramos no Inocência Pontes e lá o rancho era de sapé. Amarramos os animais. Secamos dois poços, uns tirando água e outros jogando em cima dos ranchos; e Deus deu a sua mão: o vento levou o fogo para os lados da Fazenda Cacique.

Que desastre! Tudo resultado das derrubadas de mato e do tempo seco.

Para escapar do fogo, muitas famílias entravam nos poços de suas residências. Queimou tudo, casas e até os chiqueiros dos porcos de ceva.

O fogo veio de longe e foi longe, atravessou do outro lado do rio São José dos Dourados.

Nossos pais e os vizinhos não morreram queimados por sorte, pois os barrancos do Córrego do Jaguará eram altos, eles se protegeram deitando dentro dele.

O Belmirão era lerdo a mulinha dele também, salvou-se porque entrou no córrego com a sua mulinha. Como ela não conseguia deitar, teve o seu lombo sapecado pelo fogo.

Quando o fogo passou, no outro dia, voltamos para casa com medo e achando que tinha alguém morto ou queimado. Era galho de árvore caindo, fumaça demais e nossos pais desesperados, mas graças a Deus todos estavam bem.

No nosso sítio o fogo queimou tudo, os ranchos, as ferramentas... Só não queimou o que era de ferro: os machados, as foices e as panelas.

Foi um dos grandes apuros passados por aqui e o que mais me deu medo.

Reminiscências de minha mocidade

Como toda história de vida, muitos fatos marcantes, inesquecíveis e até inusitados, povoaram a minha juventude. Um deles, talvez o que mais guardei na memória, foi uma briga ocorrida entre jogadores de futebol do time que eu jogava. Nosso time tinha um goleiro muito bom e estava há dezenove jogos invictos. Imagine só a alegria de nossos torcedores.

O campo era ali onde, hoje, é a Santa Casa, na esquina formada pela avenida Carlos Gomes e a rua São Paulo (hoje rua Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco), perto da minha ex-farmácia, e era uma festa todos os domingos quando o time se apresentava diante de adversários da região.

Num belo domingo, veio jogar contra o time de Palmeira d'Oeste o bom time da vila de Ourinhos d'Oeste (hoje município de Aparecida d'Oeste), que tinha uma rixa com o nosso time. Não sei o porquê, não me recordo o motivo. De repente, explodiu uma briga entre jogadores e torcedores. Um senhor foi dar socorro ao filho tentando proteger suas costas, jogador envolvido na briga, e acabou sendo esfaqueado no tumulto, vindo a óbito. O filho matou o próprio pai. Um outro amigo, que estava de botas, foi dar um pontapé num "adversário" e acabou escorregando no capim, caiu e tomou seguidas facadas, o que fez com que ele também morresse. Nessas alturas, foi um corre-corre danado, gente procurando machado, foice, pedaços de pau para enfrentar os agressores. Outros tentavam apartar, mas a briga já estava generalizada. Meu irmão Wilson e eu não tivemos

dúvida, corremos mais que o vento, cortando o “margozeiro” e fomos para o sítio de onde só regressamos ao local do tumulto algum tempo depois, quando tudo estava serenado e os dois corpos sem vida permaneciam no gramado....

Acabou o jogo!

O time de Palmeira d’Oeste ficou marcado com esta tragédia, foi definhando até acabar....

Eu deixei de vez de jogar futebol, mesmo porque não era titular, jogava no chamado time de aspirantes, formado por alguns reservas do time titular, alguns veteranos e alguns jovens que prometiam crescer como futuros craques, este fato, portanto, foi o que mais me marcou.

Outro fato ocorreu na frente do armazém com boteco do Américo Dias (ele havia comprado o boteco do Penteado) ao lado do Grupo Escolar da época, onde hoje é a Quitanda Cheiro Verde na rua Brasil, número 5033 e onde os “mais atirados” se reuniam para conversar e contar suas proezas. Havia um tal de Sebastião Alimírio, mais atirado que os outros, que sabidamente andava armado com uma garrucha e resolveu atacar o filho do André Ressude, o José Ressude, chamando-o de grileiro de terras e outros impropérios. O José Ressude, que também andava armado, sentindo-se ofendido, sacou de sua arma e deu um tiro no meio da testa do Sebastião, o tiro foi certo e o Sebastião Alimírio caiu morrendo sem largar a garrucha da sua mão. O José Ressude desapareceu como por uma mágica e até hoje ninguém sabe por onde ele anda...

Juca Valentão

Em 1947, num sábado, Sol indo embora, eu e meus irmãos (Alaíde e Wilson) tínhamos chegado do trabalho na roça. Meu pai tinha ficado por lá ainda na labuta. Nosso rancho era na beira da estrada linha zero, próximo ao matadouro municipal, às margens do Córrego do Cervo.

Chegou um cavaleiro, um senhor de boa aparência e com uma bela moça sentada na garupa do seu cavalo.

Demos as boas-vindas ao casal:

- Boa tarde.

Ele respondeu:

- Boa tarde, vocês poderiam nos dar água para beber?

Minha mãe, notando o cansaço dos viajantes disse para que apeassem do cavalo, entrassem no rancho e se sentassem. Nós, caipiras e curiosos especulamos querendo saber de onde eles eram moradores e descobrimos que eram de Vila Palmira (hoje a cidade de General Salgado).

Minha mãe havia tirado uma fornada de pão quentinho. No coador de pano coou um café daqueles moído no moinho de mão e serviu a eles. Eles adoraram! Percebemos que estavam com muita fome.

Perguntamos:

- Como se chamam?

O senhor disse:

- Me chamo Juca e ela se chama Alzira.
- A vila de Palmeira é perto daqui?
- Nós vamos ver se arrumamos serviço por lá.

Esclarecemos:

- Sim, vocês estão chegando, esta pertinho.

Minha mãe embrulhou um pão em um guardanapo de pano e deu a eles para seguirem à frente. O casal agradeceu.

Chegando à vila, armaram uma barraca rústica embaixo dos dois jatobazeiros que existiam. Juca era poceiro (cavava poços para obtenção de água) e Alzira era a sua sarilheira (retirava a terra da escavação com balde, corda e saril).

O casal aos sábados e domingos, às vezes, fazia visita em nossa casa para tomar um cafezinho e prosear.

Trabalharam por aqui uns três meses e sumiram do mapa.

A estrada para o rio São José dos Dourados seguia as baixadas acompanhando o Córrego do Cervo.

Após uns trinta dias, certa noite, Juca retornou. Agora conhecedor das pessoas que moravam no trajeto dessa estrada e da vila de Palmeira, junto com outro companheiro, voltou para fazer suas estripulias.

Passou na sede da fazenda do Joaquim Moreira, lá estavam o Walter, o seu tio Diolino e sua esposa dona Diná professora. Juca chegou, foi entrando, ameaçou e disse:

- Eu quero a sua carabina e as “balas” (munição da carabina) que você tem aí. Dona Diná, assustada, desmaiou. Juca e seu companheiro saíram de lá com a carabina e as “balas” do Walter Moreira.

As vítimas seguintes no trajeto da estrada seríamos nós. Pararam na frente do nosso rancho e os cachorros começaram a latir. A Lua era cheia, a noite estava clara. Nosso rancho de pau a pique estava apenas com os quartos embarreados (rebocados), as paredes da sala ainda só com os paus que possibilitavam a visão do que estava acontecendo lá fora. Meu pai viu dois homens parados com seus cavalos na beira da estrada e ouviu um deles dizer:

- Aí não vamos não!

Deveria ser o Juca nos poupando, por não saber que meu pai tinha uma espingarda. Será que ele sabia? Se este foi o caso, poupou-nos por gratidão.

Partiram rumo a vila de Palmeira, eram em torno de nove horas da noite. No outro dia fiquei sabendo que fizeram, também, uma visitinha a farmácia do Zé Roveri. O local era ponto de encontro dos poucos moradores da vila. Zé Vicente, Orlando Vicente, Edílio Ridolfo e Evaristo Preto estavam “colocando suas conversas em dia” sob a luz de um lampião naquela noite. Os dois chegaram, apearam de seus cavalos, entraram na farmácia e Juca disse:

- Vocês me conhecem, sou o Juca, quero as balas para revólver calibre 38 que sei que todos vocês têm.

Não teve discussão. Todos entregaram as balas que tinham fazendo essa “doação” forçada. De quebra ainda resolveu levar, sem pagar, uns medicamentos da farmácia do Zé Roveri. Saíram, nessa derradeira passagem por aqui, dizendo que passariam pelo Porto do Taboado rumo ao Estado do Mato Grosso.

Esta é a estória do Juca Valentão!

A argentina fogosa

Conhecida por Luzia Vargas, uma argentina casada com Domingos Vargas, também argentino era boa pessoa, trabalhava no pesado, fazia cercas, fazia derrubadas... Mas tinha um defeitinho: era chegada num “criolo”.

Evaristo Preto, assim ele era conhecido, vinha na vila e ela pulava na garupa do cavalo dele e ficava dois... Três dias alongada... E o seu Domingos esperando-a voltar... Corria o boato na vila que Evaristo e Luzia eram “amantes”. O caso durou até quando mataram o Evaristo Preto.

O próximo amante da Luzia foi o Sixto Preto. Perdurou durante alguns anos até a morte do Sixto.

Mais um amante, agora o Zacarias das Neves, por algum tempo até a morte do Zacarias.

Luzia Vargas, uma amante fatal!

Donato Botta

Um dos pioneiros. Donato Botta chegou por aqui no mesmo ano em que o Zé Roveri e o Bizeli chegaram. Sua esposa com filhos pequenos, não resistiu à brutalidade do sertão, separou-se do Donato e foi embora com os seus filhos. O Donato ficou.

Donato era um ótimo carpinteiro. Foi ele que trabalhou a madeira e construiu o cruzeiro para a fundação da vila de Palmeira d’Oeste.

Passado alguns anos de sua separação ele arrumou uma companheira. Chamava-se Maria. Com ela teve quatro filhos.

Antonio Curaçá casado com Dona Abadia era dono de um boteco na esquina em frente onde é hoje a quadra municipal de esportes.

Curaçá tornou-se compadre do Botta ao ser padrinho de batizado de um dos seus filhos. Com a morte de sua esposa dona Abadia, Curaçá começou a se engraçar com a comadre Maria e “tomou a mulher do compadre” Donato. Donato não gostou nada disso! No auge da sua fúria, desferiu vinte e uma facadas na Maria. Incrível, a Maria não morreu!

Naquele tempo, quem cometia um ato desses, “caia no mundo”, sumia, ia para bem longe para escapar das garras da justiça.

Zé Roveri pegou o amigo Donato e escondeu-o em sua fazenda de Rondonópolis (MT). Por lá seguiu sua vida trabalhando: construiu a ponte de madeira sobre o rio Jurúgue para facilitar o acesso à fazenda do Zé Roveri (antes só tinha uma pinguela). Construiu tulhas, currais, etc. Por lá “ajuntou-se” com uma velha senhora e prosseguiu até o final dos seus dias.

As caçadas

Eu e meu saudoso amigo Zé Mésqua fizemos belas caçadas. Eu com minhas cachorras, Bicuda e Pirata, e ele com seu cachorro Bugre. Aos domingos saíamos cedo para a caçada de veado mateiro. A Bicuda era a que “levantava” a caça; quando ela uivava nós soltávamos a Pirata e o Bugre para fazer a corrida atrás do veado. Isso levava várias horas e muitos quilômetros mato adentro até o animal se cansar e ficar acuado.

Conheci muitos sertões, mas sertão como o daqui eu nunca vi.

Meu mustang preto

Meu pai comprou um cavalo para mim, feio, barrigudo e eu não o aceitei. Na minha mocidade, a ostentação não era ter um bom carro (quase ninguém tinha carro), era ter um bom cavalo; juntei um dinheiro e comprei um excelente potro preto, contratei um domador que fez só uns três repassos e mudou-se daqui. Então, eu mesmo continuei com a doma do potro, ele me derrubou várias vezes, mas consegui domá-lo do jeito que eu queria.

Meu “mustang” preto por onde passava chamava a atenção e causava inveja. Até hoje sinto saudades daquele cavalo, ele se chamava “Telegrama”. Meu amigo Zé Mésqua era peão dos bons e nós dois com nossos cavalos fazíamos umas loucuras de vez em quando.

Certo dia, estava andando com meu cavalo pela cidade e cruzei com dois senhores (o João Martins, pai da Olinda, e seu cunhado) caminhando a pé em sentido contrário. O cunhado do João Martins, que era de Vila Castilho, me chamou e pediu para que eu andasse com o cavalo para ele ver; disse que havia gostado muito do cavalo e se eu o venderia, pensei, relutei um pouco...

Um cavalo muito bom, naquela época, valia no máximo 1.500 cruzeiros, então eu disse que venderia se me pagasse 3.000 cruzeiros e ele pagou!

Desci do cavalo, trêmulo e meio amarelado, percebi abesteira que fiz, mas sustentei a palavra dada. Perdi o meu mustang preto!

Que tristeza!

Quebra boteco

Nós já tínhamos ido a Pereira Barreto fazer os exames de avaliação para servir o Exército, a maioria da turma foi dispensada, mas eu e o Paulo fomos convocados.

Eu tinha muitos amigos aqui e, para a despedida, resolvi fazer um churrasco. Minha mãe assou costelas, comprei um cabrito e assei. Reuni os amigos e fizemos uma festa, à noite, no boteco do Zé Brito, ali perto onde hoje é a quadra coberta municipal.

Estávamos em dezessete amigos, levei os assados e a cerveja era do boteco.

Naquele tempo, a cerveja era gelada dentro de um tambor com pedras de gelo misturadas com palha de arroz. Fechamos as portas do boteco, era uma festa particular, comemos e bebemos à vontade.

Lá pelas tantas, subi numa mesa e resolvi fazer um discurso de despedida; terminado o discurso, fui descer da mesa e bati com a cara na porta. Do jeito que bati já virei bravo e perguntei:

- quem foi que me deu um soco aqui?

Comecei a bater, meti o pé em tudo, acabei com o boteco no pé; mesas, cadeiras, vitrine, quebrei tudo no pé. Na prateleira acho que ficaram só umas três garrafas; o Gelásio Toledo deve lembrar-se disso, daquela turma é o único que ainda está vivo.

Dos dezessete amigos só ficaram três tentando me segurar, o resto correu tudo. Quando eu “voltei em mim”, que acordei, eram umas quatro horas da madrugada e eles estavam me segurando, um nos braços (o Gelásio) outro nas pernas (o Eugênio) e outro na cabeça (o Wilson). Minha cara e os ouvidos cheios de limão, pois acreditavam que curava bebedeira. Eu falo que não foi bebedeira, eu acho que tinha tomado “só”, um ou dois copos de cerveja; meus amigos disseram que foi bem mais!

Naquele tempo, os pais eram severos e pensei, “e agora como vou chegar em casa e falar para o meu pai?”

A minha calça acabou, a bunda da calça comeu no chão. Fui para casa, tomei um banho e troquei de roupa. Quando o dia amanheceu, lá pelas nove, dez horas, meus amigos chegaram; eu sabia que tinha que pagar o estrago do boteco, eu tinha quebrado tudo. Procuramos o Zé Brito, ele pôs o preço e eu e meus amigos pagamos tudo. Essa foi uma das “loucuras” que fiz e, desse episódio para cá, evitei beber, nunca mais bebi daquele jeito.

Minha participação no Exército Brasileiro

Em 1957, fui convocado para servir a Pátria, fui como submisso, já com idade ultrapassada, pois não havia “juntade alistamento militar” nem aqui, nem em Jales, aqui era só mato. O meu tempo de alistamento já havia passado, então fui convocado fora do tempo. Como nasci em 1933, nessa época 1957, eu já contava com 23 anos de idade.

Era um dia de chuva, chegou de Jales um cidadão com a convocação para que eu me apresentasse em Bauru (SP). Eu e vários amigos fomos convocados. Primeiro passamos por Pereira Barreto, para a inscrição e exames e, depois, seguiríamos para Bauru. Dentre os diversos rapazes que se apresentaram em Pereira Barreto, apenas um rapaz, por nome Paulo, irmão do Luiz leiteiro e eu fomos convocados.

Pegamos uma “jardineira” (ônibus) aqui e fomos até Andradina (SP), para tentar pegar o trem que vinha de Bauru. Agente ia esperar o trem e, quando ele chegasse, iríamos embarcar.

Ficamos o dia todo na estação esperando esse bendito trem, que só chegou à

tarde. Quando o trem parou e fomos subir, em cada porta dos vagões havia um oficial militar, um comandante, que nos impedia de entrar, alegando que deveríamos ter ido direto a Bauru e lá nos apresentarmos.

Caipiras, sertanejos, gente da roça como éramos, “récos” (recrutas), como éramos chamados, ficamos meio que perdidos sem saber o que fazer e que rumo tomar, achei que seríamos presos...

Foi aí que apareceu um senhor que nos ajudou: perguntou se tínhamos algum dinheirinho para pagar uma noite numa pensão. Como dissemos que sim, ele nos conduziu até a mesma onde jantamos e pernoitamos.

No outro dia, este senhor nos acompanhou até Três Lagoas (MS) e fomos até a Igreja. Levados por este senhor, participamos da Missa e na sequência o Padre nos atendeu, falou com o Comandante do Posto do Exército que lá existia e ele nos deu uma Carta de Apresentação para que nos apresentássemos no Quartel General no centro de Campo Grande (MS); dali, nos encaminhou para o 10º QG dessa mesma cidade.

Chegando no 10º QG, nos apresentamos ao Coronel e logo fomos conduzidos a um alojamento de soldados. Neste local ficamos dezoito dias dormindo no chão, o travesseiro era nossa mala; até que no vigésimo dia fomos informados que no dia seguinte deveríamos nos apresentar na estação ferroviária. Assim que lá chegamos, uma verdadeira multidão de soldados e iniciantes estava à espera desse mesmo trem. Quando chegou o trem, os soldados foram entrando até lotar todos os vagões e nós, para variar, não subimos, ficamos à espera de outra oportunidade. Voltamos para o quartel e lá permanecemos mais uns dias, aguardando um número maior de soldados para compor a viagem.

Depois de uma semana, novamente todos na estação, desta feita, entramos e fomos até Aquidauana (MS), lá ficamos por mais uns quinze dias. Quando nos preparávamos para seguir viagem, novamente de trem, eis que os vagões já estavam lotados e mais uma vez não embarcamos. Éramos em 152 soldados, todos novatos, barriga verde, sem experiência, alguns muito jovens. Ficamos como um navio à deriva à espera de que algo não previsto acontecesse; e aconteceu que fomos encaminhados para o Destacamento de Cavalaria de Nioaque (MS), onde acabamos “servindo”, e sofrendo, pois a comida era muito ruim, bem diferente da alimentação de Campo Grande e Aquidauana, onde estavam os Comandantes...

Em Nioaque, ficamos, como se diz, passando o tempo! Cumpri minha obrigação com o meu país e hoje sou um soldado da reserva do Exército Brasileiro.

De volta a Palmeira d'Oeste

Vou recordar um pouco sobre a existência do povoado de Dalas, o qual não existia quando aqui cheguei em 1946!

Primeiro havia um caminho que ia de Palmeira d'Oeste até o rio São José dos Dourados, acompanhando as baixadas, seguindo a linha do Córrego do Cervo.

Como eu já disse, os primeiros caminhos eram feitos seguindo as baixadas

porque a vegetação baixa, geralmente capim-jaraguá e moitas de açoita-cavalo, facilitava suas aberturas.

As moradias, ainda que rústicas, ficavam também nas baixadas para facilitar a obtenção da água através dos poços, as inesquecíveis cisternas. Tempos depois, foi aberto outro caminho até o rio São José dos Dourados demarcado pelo agrimensor Orestes Ferreira de Toledo.

Um cartorário, por nome José das Graças e que já atendia em Palmeira d'Oeste, resolveu criar um povoado em suas terras, a Vila Dalas.

Recordo-me que José das Graças tinha uma querela, uma rixa podemos assim dizer, com José Fredi que morava na Vila Dalas.

Numa tarde, bem em frente onde hoje é a loja Ferreira Calçados, na avenida Euclides da Cunha, número 4979, o José das Graças estava conversando com uns amigos, sob a sombra de algumas árvores, quando, repentinamente surgiu o José Fredi em seu cavalo, e disparou três tiros contra o Zé das Graças, que rolou no capim se estrebuchando todo. O José Fredi saiu a galope em seu cavalo em direção a Vila Dalas e, depois de lá, sumiu...

Até hoje não se sabe o seu paradeiro.

Com as graças de Deus, o Zé das Graças não morreu, foi levado para o Pronto Socorro de Jales, depois para Votuporanga e finalmente para São José do Rio Preto acabando por superar este trágico incidente...

A natureza virgem da época: cobras e lagartos

Até final da década de 1960, em nossa região havia muita cobra e de várias espécies, quase todas muito perigosas, possuidoras de muito veneno, inclusive muitas pessoas vieram a óbito em consequência desses animais peçonhentos. Dentre as espécies mais venenosas, podemos citar a cascavel, aquela do famoso guizo; a jararaca, a coral, a urutu, popularmente chamada “a cobra da cruz na testa”; e tinham outras não venenosas como a sucuri, cobra verde, cobra cipó, jiboia...

Devido à presença das matas, havia muito mosquito: tinha o mosquito “pólvora” e o “borrachudo”, que picavam sem dó, tanto que os machadeiros viviam com o rosto vedado, cabeça e pescoço enrolados com um grande lenço, geralmente embebidos em óleo, para evitar picadas. Na hora do almoço e merenda, os tais lenços eram retirados, fazia-se um pequeno fogo nas proximidades do local da refeição para a fumaça afugentá-los e, quando terminavam de almoçar, recolocavam-se os referidos panos que lhes davam certa proteção. Em determinada época do ano, havia as “mutucas”, que atacavam principalmente os animais domésticos: cães, cavalos e bois.

Havia muito escorpião e formigas de várias espécies: saúva, “quem-quem” e a terrível “cabo-verde” (esta picava “doído”, dava até febre nas pessoas afetadas por elas).

Abelhas havia muitos tipos, principalmente a “europa”, arisca e que não se

ambientava nas residências. Também tinha a “jataí”, esta, sim, caseira e produtora de um mel delicioso, inclusive usado para xaropes e outros “medicamentos” artesanais. Eu mesmo “tirei” muito mel de jataí das árvores secas, dos resquícios que havia das derrubadas. Aproveitava o mel, a cera e levava parte dos “filhotes” para casa e os colocava em caixas de papelão, ou até mesmo de madeira. Ali o “enxame” proliferava e, dentro de alguns meses, já se podia colher o mel produzido.

Como havia muitas cabaças, depois de maduras e secas, tirava-se o miolo das mesmas, abria-se uma “janela” e ali depositavam-se os filhotes de jataí. Ficava bem fechadinho, elas mesmas fechavam com sua cera, deixando apenas um buraco, tipo chaminé, por onde saíam durante o dia para colher o pólen das flores, usado na fabricação do mel, e à noite, depois de todas recolhidas, elas fechavam a chaminé, impedindo, assim, a visita indesejável das formigas que rondavam o ambiente na tentativa de sugar o mel e ainda sacrificar toda a colmeia. Havia também outras espécies de abelhas: manda-saia, mandaguari, arapuá...

Marimbondos existiam de vários tipos, cores e tamanhos: o marimbondo tatu, o “paulistinha”, mas os mais danados eram os “caçunungas”, espécie de vespas que, quando se sentiam ameaçados em seu habitat, atacavam em bandos e era uma correria danada, pois as ferroadas eram terríveis e doía o dia inteiro, chegando a inchar nos locais atingidos.

Com as colheitas abundantes de milho, parte delas armazenada em paióis, feitos de coqueiros e cobertos de sapé, os ratos faziam a festa: uma boa porcentagem do milho armazenado era consumida pelos camundongos, apesar das ratoeiras artesanais e dos gatos, bons caçadores dos roedores em questão.

As raposas, cachorros-do-mato e gambás também se faziam presentes, principalmente nos quintais das residências, e atacavam os galinheiros onde dormiam as aves: galinhas, perus, patos e marrecos. Muitas noites a gente acordava com o barulho das aves e tinha que socorrer apressadamente para que não houvesse um prejuízo maior, ocasionado pelo ataque das raposas e gambás...

Não podemos deixar de mencionar a existência dos numerosos tatus (peba e galinha) e, também, os lagartos, principalmente o chamado “tiú” (teiú), cuja carne é muito apetitosa. Havia muitos desses animais naquela época em nossa região...

As casas de barro e o bicho barbeiro

No início, eram ranchos de coqueiros partidos ao meio e cobertura de sapé e as casas de pau a pique. Tempos mais tarde, começaram a ser construídas as casas de barro, cujas paredes também eram de coqueiros rachados ao meio e entremeados por pontalotes, pequenos varões da altura das paredes e tudo bem “amarrado” com tabocas que serviam de ripas. O barro, previamente preparado, era colocado artesanalmente e com abundância, como se fosse concreto ou outro revestimento nas paredes.

Os telhados eram de sapé, de cavacos de madeira (o Córrego do Cavaco tem esse nome devido ao grande número de casas cobertas assim na época) e, na maioria das vezes, de telhas comuns de barro, branquinhas, que eram sobrepostas de

baixo para cima, formando uma grande canaleta por onde as águas das abundantes chuvas desciam gostosamente.

Só que havia um problema, um sério problema: tanto nos ranchos, quanto nas casas de barro, notava-se a presença do terrível “bicho-barbeiro”, um inseto, popularmente conhecido como “chupança” e que é hospedeiro natural do “Trypanosoma cruzi”, o causador do Mal de Chagas, até hoje incurável.

Geralmente, as pessoas de toda e qualquer idade, eram picadas por esses infelizes insetos que, se doentes, transmitiam o protozoário flagelado, um parasita, às pessoas picadas, as quais, comumente, se encontravam dormindo (o “bicho” gostava de atacar à noite).

Felizmente, em meados da década de 1950, surgiu a SUCEN (Superintendência de Controle de Endemias) que, com suas visitas semestrais e a pulverização com inseticidas apropriados, colocou fim nesta trágica situação, a despeito de muitas pessoas terem sido contaminadas e muitas perdido suas preciosas vidas vítimas do conhecido Mal de Chagas.

Hoje, praticamente não existem mais pessoas que são contaminadas pelo bicho-barbeiro, já não existem mais casas de pau a pique e casas de barro. Pelo menos em nossa região este flagelo está erradicado.

A vida pacata, mas feliz de um passado recente

De 1955 para frente, com as grandes migrações de famílias inteiras de outras regiões que se deslocaram para cá, com as derrubadas das matas e o plantio de cereais: feijão, milho, amendoim e as promissoras lavouras de café, que perduraram por mais de três décadas, a cidade também se desenvolveu rapidamente.

O comércio, alimentado praticamente só pela zona rural, cresceu a olhos vistos. Na época, as famílias tinham o sagrado costume de se visitarem umas às outras. A juventude cultivava hábitos sadios; os casais mantinham uma saudável relação de respeito e companheirismo, e criavam os filhos, quase sempre em bom número, numa disciplina sadia onde prevalecia o respeito, a responsabilidade, a consciência e a fé em Deus.

Não tenho dúvida em afirmar que, naquele tempo, havia mais paz e mais amor; a união entre as pessoas era marcante.

Aos sábados os jovens geralmente se reuniam na pracinha existente, sem energia elétrica e ali ficavam conversando até as onze horas, meia-noite. Inclusive havia um “seresteiro”, que atendia pelo apelido de “Paraná”, que, quando aparecia com seu violão, era uma festa, pois ele executava o pinho com maestria e um certo romantismo, bucólico e nostálgico, contagiava a todos nós, principalmente quando ele dedilhava a melodia “Abismo de Valsa”. Era emocionante; eu fazia parte deste grupo de amigos e me recordo com muita saudade daquele tempo que foi bom, muito bom mesmo!

Geralmente, nos fins de semana, as moças também compareciam, faziam

amizade com minhas irmãs e, muitas vezes, fazíamos um bailinho caipira ao som de músicas de sanfona gravadas em discos de vinil e executados em uma modesta vitrola. Dançava-se com muito respeito e com muita alegria. Desses encontros surgiram muitos namoros, noivados e até casamentos entre os filhos das famílias que, aos poucos, iam aumentando.

O sertanejo, forte, corajoso, destemido e perseverante

A vida no campo, na roça, seguia seu estilo único e destemido, pois como escreveu o grande escritor Euclides da Cunha, em sua fantástica obra *Os Sertões*, “*o sertanejo é, antes de tudo, um forte*”! E é verdade, pois, naquela época, os chamados lavradores, pequenos proprietários, levantavam-se cedo, quase de madrugada, e, após tomarem um café reforçado, geralmente com um naco de pão feito em casa, em forno de barro aquecido a lenha, enchiam suas moringas d’água, amolavam suas ferramentas e rumavam céleres para oespigão, para cuidar de suas lavouras, fosse de milho, feijão, arroz, amendoim ou de café.

O almoço não tardava, pois, como se ia cedo para o roçado, após o reforçado café, o almoço acontecia no máximo até as nove horas. Entre o meio-dia e uma hora da tarde, havia a merenda, geralmente constituída de café, pão, bolachas e bolo. À tardinha, assim que o Sol descia, voltava-se para a casa onde a janta nos esperava.

Tomava-se o famoso banho de bacia, pois não havia chuveiro de espécie alguma (só mais tarde apareceu o chuveiro “tiradentes”). Quando chegávamos da lavoura, nossa mãe já havia preparado duas latas de vinte litros no fogão à lenha, fervia a água para que pudéssemos tomar o banho com água morna. Jantávamos e, em seguida, nos reuníamos em torno de lamparinas a querosene, alguns estudavam, outros se reuniam com amigos vizinhos, mas logo íamos todos dormir, pois precisávamos descansar para o trabalho do dia seguinte.

Nessa época, o Sol era o relógio para todos: levantava-se com o cantar do galo, ia-se ao trabalho antes do Sol nascer e voltava-se do trabalho quando o Sol descia.

Nossa mãe ficava em casa cuidando dos afazeres domésticos, criando os filhos menores e preparando a alimentação para meu pai, meus irmãos mais velhos e eu, pois comecei a trabalhar na roça com sete anos de idade!

Como constituí minha família

Bom, como todo rapaz de minha época, eu gostava muito de bailes de barraca, com sanfona, pandeiros, violões, reco-reco, cavaquinho e outros instrumentos caracteristicamente brasileiros. Dançava bem e tinha uma namorada, Ana Rosa, com a qual me encontrava nesses eventos. Isto foi mais ou menos em meados de 1958, época em que retornei do Exército.

Na vila, havia o costumeiro e tradicional “foot”, ou seja, os jovens, em duplas

ou grupo, caminhavam nas ruas, em distâncias programadas, num vai e vem contínuo e gostoso. Conversava-se, trocavam-se olhares e, geralmente “alguém” mandava recado para outro “alguém” no intuito de se iniciar um namoro. Foi assim que, numa dessas oportunidades, uma ex-namorada do meu irmão, a Cida Portuguesa, colega de minhas irmãs, comunicou-me que uma certa jovem queria conversar comigo.

Fui ao encontro no local marcado e, para minha surpresa, a moça que me aguardava já vivia em meus pensamentos, como diz o ditado: “um olho no gato e o outro no peixe”, mas por falta de iniciativa eu ainda não havia me dirigido a ela: **Loudes Dirce Secafen!** Chegando ao encontro, iniciamos o nosso diálogo e logo surgiu a proposta de namoro. Eu já a conhecia, às vezes, jogávamos truco e bisca juntos e eu era amigo do irmão dela, o Ricardo Secafen. Combinamos tudo como era regra e costume. Logo fui falar com os pais dela, italianos sistemáticos, e pedir licença, autorização para o namoro.

Lembro-me que ela residia no sítio, numa casa de pau a pique. Caminhei pelo longo carreador de café, atravessei a pinguela do pequeno córrego, e quando lá cheguei, à noite, pela primeira vez, fui recebido por três cães bravos e quase que o namoro terminava ali. Após falar com o Sr. Antonio Secafen, pai da agora minha namorada, renovamos nossas juras de amor.

Namoramos quase quatro anos, após o que, noivamos e nos casamos em 13 de abril de 1961.

Tivemos três filhos maravilhosos, um homem e duas mulheres; as duas meninas, depois de moças, se graduaram na área de farmácia.

Adriana, a mais velha, já me presenteou com duas netas: Giovana (formou-se farmacêutica e trabalha com sua mãe), e Giulia.

A caçula, Cristiana já me deu um neto, Heitor.

Meu filho, o mais velho, Júnior, viajou precocemente, “fora do combinado”, como diz o poeta Rolando Boldrin, deixando uma lacuna muito grande em todos nós e que dificilmente será preenchida. Ele com sua esposa e excepcional companheira Maria Helena (“Malena”), como consolo, nos deixaram uma neta, a Vitória (ela tinha 5 meses de idade quando ele faleceu).

Vitória já nos deu dois bisnetos, Antony, garoto esperto, inteligente, está com cinco anos e nos enche de alegria. Recentemente, ele enviou-nos um áudio tocando berrante. O segundo bisneto, Leonardo, está com um ano de idade. Eu e a dona Lourdes estamos casados há 62 anos, somos felizes, muito felizes e acho que vamos terminar juntos.

Nossas primeiras viagens

Já há algum tempo casado, por volta de 1976, fomos viajar pelo litoral paulista, conhecer e usufruir das belas praias paulistas: Santos, São Vicente, Guarujá, Praia Grande, Ubatuba, Caraguatatuba, Mongaguá, Itanhaém, Peruíbe, enfim, praticamente todas as praias do estado de São Paulo e Parati no estado do Rio de Janeiro.

Em 1978, participamos de uma excursão ao Rio de Janeiro, minha esposa, filhos e alguns colegas. Nessa excursão, conhecemos todas as praias e pontos turísticos deste rico e belo estado: Cristo Redentor, Pão de Açúcar, Palácio dos Cristais, Clube do Canecão e a Ilha de Paquetá (um verdadeiro paraíso). Ainda em 1978, fizemos outra excursão, desta feita pelo Nordeste brasileiro: lindas praias, dunas, lugares de muita beleza, comidas típicas e muito sol; fomos a Mossoró, conhecemos as salinas...

Em 1990, fomos para o sul do Brasil, também em excursão; visitamos o estado do Paraná (especialmente Curitiba), Santa Catarina, Rio Grande do Sul (Gramado, Pelotas, Lagoa dos Patos) e fomos até o Uruguai, em Punta del Este, praia muito grande e muito linda, onde há muitos cassinos. Chegamos a brincar nas roletas do grande cassino existente lá. Conhecemos os chalés (tudo muito luxuoso) onde ficaram exilados João Goulart e outros políticos. Chegamos até a Argentina, a terra do Tango, conhecemos o Palácio do Governo, a famosa Casa Rosada e outros pontos turísticos de rara beleza...

Os estrangeiros em nossa região

Com relação à imigração de estrangeiros, para o Brasil, para nosso estado de São Paulo e especificamente para nossa região, é válido e justo registrar a presença de portugueses, espanhóis, italianos e alguns árabes.

A partir do começo do século XX, os imigrantes vieram em grande quantidade e com muita coragem e determinação para contribuir com a mão de obra rural nas grandes fazendas de café. Em nossa região, não foi diferente: a partir dos anos 40 e até final da década de 1950, portanto uns vinte anos seguidos, muitas famílias das regiões de Ribeirão Preto, Jardinópolis, Araraquara, Matão, Bauru, Santa Adélia, Pindorama, Taquaritinga, Presidente Wenceslau e outras regiões do estado, se deslocaram para cá. Elas enfrentaram as dificuldades que o sertão bravio da época oferecia e, com muita fé, otimismo e disposição, conseguiram progredir, criar seus filhos e solidificar suas vidas.

Em meados de 1950, uma nova onda de imigrantes invadiu a nossa região, agora eram japoneses e seus descendentes, vindos da região de Araçatuba e Mirandópolis. Eles aportaram por aqui e, com eles, a cultura algodoeira teve um grande momento de progresso, contribuindo, e muito, com o desenvolvimento de nossa zona rural. Famílias inteiras de nordestinos se deslocavam para cá, onde o trabalho, o emprego era garantido nas lavouras de algodão dos japoneses.

Imensas colônias de pau a pique foram construídas para abrigo dos migrantes do Nordeste, isso durante mais de vinte anos. Só depois dos anos 1980, com o declínio das lavouras de café e com as terras já enfraquecidas pelas constantes geadas e grandes períodos de estiagem é que a pecuária, em pequena escala, começou a existir e permaneceu até os nossos dias.

Palmeira d'Oeste reavivou sua economia com a viticultura, inclusive produzindo as uvas de mesa de melhor qualidade em todo o estado, ostentando o título de "Capital Regional da Uva". Nas Festas de Peão Boiadeiro, por exemplo,

havia as belas exposições de uvas dos produtores de Palmeira d'Oeste e região; hoje a Festa da Uva é realizada anualmente independente da Festa do Peão.

A citricultura, principalmente o limão, novamente a banana, e a produção de verduras e legumes, também estão na base econômica do município, graças a agricultura familiar.

A contribuição positiva dos migrantes e imigrantes

Vale ressaltar que a imigração e a migração de estrangeiros muito contribuíram com o crescimento vertiginoso da agricultura e do comércio de Palmeira d'Oeste, principalmente os portugueses e os japoneses, com propriedades rurais, com lojas de tecidos, armazéns de secos e molhados, hotéis, restaurantes, farmácias e oficinas. Também havia pequenas indústrias: máquinas de beneficiamento de arroz, café, amendoim e algodão; serrarias, fábrica de carroças e charretes e artesãos (sapateiros, seleiros, ferreiros, folheiros, carpinteiros, moveleiros...).

Alguns nomes de famílias de origem japonesa que participaram da história de Palmeira d'Oeste

Tanaka; Takahashi; Massuyama; Yamanoi; Coroiva; Adati; Sigihara; Miyahara; Sato; Suenaga; Nagasawa; Yeri, Furuchi, Nishi; Koga; Fukushima; Morimoto; Takahama; Kawamata; Onuma; Ueda; Matsumoto; Morita; Okajima; Oxida; Aoki, Nakamura, Watanabe, Kumagae...

O comércio engatinhando

Dos armazéns antigos o que mais durou foi o do casal de portugueses Sr. Artur Martins e dona Maria do Céu, onde hoje é uma grande loja, a "Casa do Agricultor" (do Aurélio Peruchi). Lembro-me, entre outros, do Armazém do Sr. Pedrinho Tanaka e de sua esposa dona Aparecida Tanaka, onde eu comprei todo o material de cozinha por ocasião do meu casamento (chaleiras, panelas, bules, frigideiras...).

Serrarias tinham muitas: do Violante, do Antonio Paixão, do Antonio Biscassi, do Antonio Fredi, do Boiati, do Zé da Silva...

Em matéria de indústria, no começo, nada havia, mas, quando veio para cá a família Ponce, oriunda da região de Ribeirão Preto, criaram uma fábrica de carrinhos, charretes e carroças, de roda dura (roda de pau) para tração animal. Serviam de meio de transporte usados nas lavouras, passeios, festividades (batizados, casamentos...) e em velórios e enterros.

Tempos depois, as rodas de pau foram substituídas por pneus e os irmãos Ponce começaram a fabricar carrocerias de caminhão.

Pequenas fábricas de móveis tiveram muitas; recordo da fábrica do Alarício Santana, posteriormente comprada pelo “Cido” Diana que foi seu aprendiz e que continua na labuta até hoje...

Alguns nomes que contribuíram para o desenvolvimento do comércio/indústria/serviços

Casa Martins - Artur Martins; Armazém São José - José Polaine; Casa Massuyama - família Massuyama; Empório Brasil - Takeshi Onuma; Empório São Geraldo - Geraldo Beraldo; Casa Combate - Magid Calil Hadad; Casa Caramello - Joaquim Caramello; Casa de Móveis do Povo - família Suenaga; Casa Campanholo - Luiz Campanholo; Casas Pernambucans; Lojas Riachuelo; Casas Jaraguá; Casa Branca; Bazar Cairo - Mohamed Abdel Jalil; Bazar Líder - Valdecir Ribeiro; Relojoaria Omega - Suzuo Sato; Casa de Carnes Central - Altino Pereira Lima; Casa Agropecuária - Antonio Rosa Filho (“Rosinha”); Eletro Rádio - Lúcio Chirieleison; Casa Ribeiro - João Antonio Ribeiro (meu pai); Casa Portuguesa - Joaquim Tavares; Selaria e Sapataria São José - Miguel Goulart e “Zezão” Goulart; Sapataria do Brás - Braulino Martins Gonçalves; Selaria e Sapataria Nossa Senhora Aparecida (hoje Ferreira Calçados, ainda em atividade) - José Arlindo Ferreira (“Zézim Sapateiro”); Sapataria Palmeira - Fukuchima Harue (“Chico” Fukuchima); Selaria e Sapataria Giacometti - José Giacometti; Máquina Tupi - família Alvares; Máquina São João - João Gurian; Máquina Boa Vista - Francisco Marchan (“Chiquinho” Marchan); Máquina Santa Terezinha - Demétrio Brunelli; Máquina de Arroz do Zelindo - Zelindo Biscassi; Oficina Ponce - Irmãos Ponce; Oficina São José - família Montoro; Fábrica de Moveis Diana - Aparecido Diana (“Cido” Diana, ainda em atividade); Oficina Mecânica - Gelásio de Toledo; Hotel Rondon - Alceu F. da Silva; Hotel São Paulo - família Sigihara; Escritório Bandeirantes - Júlio Takahashi; Escritório Costa - Manoel Sabino de Oliveira; Alfaiataria Vieira - Antonio Vieira; Depósito de Madeira Santo Antônio - “Geraldo” Miyahara; Alfaiataria Brazão - Limentino Caldeira Brazão; Cine Brasil - Magid Calil Hadad;

Não posso deixar de citar o extinto Clube de Campo das Palmeiras que, por décadas, serviu como lugar de lazer para seus associados e visitantes e o Serviço de alto-falantes do Cine Brasil, que, na época, era a nossa “rádio”, veiculando músicas, entrevistas e notícias.

Palmeira d'Oeste: de vilarejo a distrito

Até meados da década de 1950, éramos um povoado, depois, passamos a distrito pertencente a Jales.

Jales não queria que Palmeira d'Oeste emancipasse e se tornasse um novo município, pois perderia muito com isso.

Houve muita luta, muita briga política, mas, em 1958, uma forte Comissão de moradores locais, formada por José Roveri, Juvenal Vicente, Antonio Fredi, José das Graças, Braulino Gonçalves (o popular Brás sapateiro) se dirigiu a São Paulo e conseguiu a proeza da aprovação para a criação de nosso município!

Dr. Aloísio Nunes Ferreira, grande e influente político do Governo de São Paulo, foi de fundamental importância na criação do novo município.

A Comissão de moradores, em prol a emancipação, foi até a capital paulista com os papéis e assinaturas, reivindicando a criação do município perante o governo do estado e conseguiu a aprovação em 31 de dezembro de 1958.

Quando a Comissão regressou da capital, foi uma verdadeira festa, com rojões e outros fogos de artifícios, muita música e muita alegria. A notícia da vitória do grande sonho da população: Palmeira d'Oeste, agora município e independente de Jales, se tornava doce realidade!

Manoel Pantaleão, foi o primeiro prefeito, e Augustinho Buzico, que residia na Vila Dalas, foi o primeiro vice-prefeito (ressalve-se que, naquela época, elegia-se Prefeito independente do vice, o qual era eleito separadamente do prefeito). O senhor Manoel Pantaleão, que era o Cartorário do então distrito, eleito prefeito, teve uma gestão aceitável, uma vez que não dispunha de maquinários, nem de pessoal especializado para administrar o recém-criado município; mas como era honesto, trabalhador e objetivo, conseguiu fazer muito por nossa comunidade e deu grande impulso ao desenvolvimento, não só da zona urbana, bem como da zona rural, principalmente na abertura e conservação das estradas de rodagem do município...

Francisco Garcia Otarola, o segundo prefeito, conhecido como “Chico Bananeiro”, por ser comerciante na área de compra e venda de bananas. Nossa região, nessa época, era soberana nessa cultura.

Ele se tornou muito conhecido no meio rural. A população do município estava mais de 80% residindo na zona rural. “Chico Bananeiro” comprando e revendendo banana criou um grande círculo de amizade, o que o credenciou a candidatar-se a prefeito de Palmeira d'Oeste e foi eleito com tranquilidade, derrotando seu oponente, o Sr. João Gurian.

Nesta gestão, o ex-prefeito, Manoel Pantaleão, se elegeu vereador.

Com relação ao desempenho como administrador municipal, pelo que eu sei, o Sr. “Chico Bananeiro” foi um fracasso. Palmeira d'Oeste parou no tempo e só nos anos seguintes, pós sua gestão, é que retomou o seu desenvolvimento.

Depois vieram os seguintes prefeitos:

Batistão (Baptista Alvarez Campos) - fez uma excelente administração, em sua primeira gestão (foi prefeito 2 vezes);

Professor Sylvio (Sylvio Paulo Lacativa Pozzetti) - fez boa gestão e trouxe

uma unidade da Nestlé para o município;

Batistão de novo;

Hélio Ponce (Ângelo Hélio Ponce Soler) - bom também;

Minguito (Domigos de Marques) - faleceu no final do seu mandato e foi substituído pelo então vice-prefeito, Professor Sylvio, que já havia governado o município anteriormente;

Kiko Mendonça (Francisco Botelho Mendonça);

João Boiadeiro (João Farias Gonçalves);

Professor Dirço (Dirço Teruo Yamamoto);

Pezão Montanari (José Cesar Montanari) - foi prefeito três vezes, neste primeiro mandato foi reeleito;

Luciano Sparapani;

Pezão Montanari - foi substituído no meio do mandato pelo seu vice Dodô (Reinaldo Savazi) devido a problema administrativo;

Dodô (Reinaldo Savazi) - o atual prefeito.

Recordando o passado

Palmeira d'Oeste crescia a olhos vistos e, com o desenvolvimento da zona rural, principalmente com o café, havia em quase todos os bairros rurais, uma escola, uma capela e um campo de futebol.

Às vezes, os moradores se reuniam e realizavam quermesses, onde cada um levava a sua prenda. Tinham os inesquecíveis bailes de barraca, com sanfona, violão, cavaquinho, pandeiro e reco-reco; tinham as novenas, terços e cultos (além de Missas esporádicas), e os jogos de futebol. De vez em quando, havia torneios de futebol chamados, na época, de desafios, com taças e troféus aos vencedores. Nas escolas, além das aulas normais, havia também a catequese e homenagens às mães, no segundo domingo de maio.

Era tudo muito simples, mas bem organizado e o respeito recíproco imperava. Tenho saudades daquela época.

Bem mais tarde, já na década de 1980, surgiram os Centros Comunitários nos bairros da zona rural mais populosos e os bailes, as quermesses, “bingos” e outras atividades lúdicas deixaram de ser ao ar livre ou sob barracas e se transferiram para os Centros Comunitários.

As primeiras Festas do Peão Boiadeiro

Se bem me lembro, foi na década de 1970 que foi organizada e realizada a 1ª Festa do Peão Boiadeiro em nossa cidade. Foi lá onde era o antigo Campo de Futebol, hoje é a Cohab Alberto Arantes; organizada pelo Dr. José Mussi (advogado), ali foram realizadas umas duas ou três festas do peão, que aliás, eram só de montaria de cavalos.

Alguns anos mais tarde, em área própria, com arena, arquibancadas, barracões e muito espaço, o recinto passou a ser conhecido como “Recinto da Fepeb” e a festa passou a ser organizada pelo “Milton Açougueiro”, com a presença da Tropa do Jorge dos Santos e com a locução inconfundível e que ninguém esquece, do saudoso “Zé do Prato”, o grande professor dos locutores de rodeio.

A Festa do Peão de Barretos foi a pioneira no estado de São Paulo, e já era a maior e melhor do território nacional. A nossa Fepeb, foi uma das mais famosas e comentadas, creio que era a segunda melhor.

A comissão organizadora da Festa do Peão de Barretos vinha todo ano na Fepeb. Aqui eles selecionavam os melhores peões e boiadas para participarem da sua festa, era comum os campeões daqui repetirem a façanha em Barretos.

Detalhe curioso: eu vendi uma égua puladeira para o tropeiro Jorge dos Santos e, assim que acabou a Festa aqui em Palmeira d’Oeste, ele a levou para Barretos e logo na primeira participação dela, foi vencedora e ganhou o 1º Prêmio para o peão que a montava. Eu fiquei muito feliz e orgulhoso, apesar de já não ser mais o dono dela...

Mário Serra e seu revólver 38

Certa ocasião fui eu e o Mário Serra em Marinópolis levar arroz para limpar. Naquele tempo, só lá é que tinha uma pequena máquina de beneficiamento de arroz e limpava poucos sacos por dia.

Nós levamos dois sacos de arroz, cada um, na garupa de nossos cavalos. Entramos na fila para limpar o arroz e ficamos esperando a nossa vez.

“Seu” Mário Serra era homem calmo e muito educado.

Daqui à Marinópolis era só mato! Ele, precavido, pôs um revólver calibre 38, cano longo, na cinta e fomos.

Era o tempo de “bate pau” (assim era chamada a autoridade policial informal dos pequenos povoados da época).

Eu e ele estávamos deitados meio encostados na pilha de sacos de arroz.

O avô do Osvaldo Rosseti era dono da máquina. Chegou e falou para o Serra:

- Por que esse revólver? Vou te tomar ele!

O Serra muito educado, respondeu-lhe:

- Acho que o senhor não vai fazer isso.

Avô do Osvaldo:

- O senhor sabe quem eu sou?

Serra:

- Não.

Avô do Osvaldo:

- Eu sou o “bate pau” daqui.

Serra:

- O que é isso?

- Nunca vi falar disso.

Avô do Osvaldo:

- Sou o delegado. Vou tomar o seu revólver e te prender.

Serra:

- O senhor sozinho?

Avô do Osvaldo:

- Vou buscar meus homens.

(o “bate pau” possuía um grupo informal de apoiadores que era requisitado quando achava ser necessário)

Serra:

- Nesse revólver o senhor não põe a mão.

- O senhor sabe ler?

(não era desdém, naquele tempo o número de analfabetos era grande).

O Serra abriu calmamente sua jaqueta pegou um documento no bolso de sua camisa e o entregou ao avô do Osvaldo.

O velho ao ler o documento tremeu... Ali ele descobriu quem era o Serra (fiquei surpreso também). Era um tenente do exército brasileiro, um oficial da reserva e aquele revólver calibre 38 o acompanhava desde os tempos do serviço ativo.

Uma pendenga

Vi o José Gasques bater no Augusto Blefe, o motivo não me lembro. O Gasques montado em seu cavalo “pregando” o reio no lombo do Blefe. O Blefe “sacou” um revólver calibre 32 e deu um tiro no Gasques que caiu do seu cavalo. O Blefe saiu correndo, entrou num corredor entre a casa do Yamanoi e o cartório do Pantaleão, na rua Brasil entre os números 4855 e 4865; escapou pelos fundos e se escondeu na chácara de um japonês compadre dele, depois foi para local mantido em sigilo.

Puseram o atirado numa cadeira na área do cartório, eu aplicando soro nele e o Dr. Paulo Costa aplicando injeção de coramina (a Santa Casa ainda não existia). Assim foram os primeiros cuidados até se conseguir arrumar um caminhão, daqueles puxadores de tora para levá-lo a Jales.

O José Gasques escapou dessa, ficou bem.

O Pedro Gasques, filho do velho, arrumou um advogado que tinha aqui, o Dr Mileno, só tinha ele.

Blefe era primo do Roveri que era amigo do pernambucano Dr. Mileno.

Durante uns dois anos, mais ou menos, o Blefe vinha a Palmeira às escondidas, só à noite.

A certa altura do processo corrente na justiça Dr. Mileno, sabedor de que o Blefe estava em Votuporanga, procurou o Roveri e disse para o ele falar para a sua prima dar-lhe quatro mil cruzeiros que então livraria o Blefe da prisão e poderiam buscá-lo.

O Roveri disse:

- Você deve estar brincando.

Dr. Mileno:

- Não estou... Isso é verdade.

O Roveri foi até lá, mas ela só tinha dois mil cruzeiros. Dr. Mileno achou que era muito pouco.

Passados dois dias Dr. Mileno voltou e disse para o Roveri:

- Vai lá na sua prima fala pra ela dar os dois mil cruzeiros, depois pega a sua perua cupê e nós vamos juntos buscar o Blefe.

O Roveri perguntou:

- O senhor garante?

Dr. Mileno:

- Garanto, o dinheiro do Gasques acabou.

- Ele mandou parar o processo.

Foram buscar o Blefe e ele ficou livre.

Êta advogado esperto...

O trágico final de um casal de professores

No início da estrada que vai para o Distrito de Dalas, quase em frente à venda do Joaquim Papudo, na beira de um cafezal, havia duas cruzes de madeira de mais ou menos um metro e meio de altura marcando o local da morte de um casal de professores.

Este fato aconteceu nos anos 1956/57, não me recordo com precisão, mas foi tragicamente marcado pelo seu desfecho: um rapaz, solteiro, primo do Augustinho Buzico, Antonio Zampieri (sua prima Shirlei Buzico ainda reside em Palmeira d'Oeste) namorava uma professora por nome de Ofélia.

Ofélia era de outra cidade e lecionava aqui em Palmeira d'Oeste. Certa feita, ela foi passear em sua terra natal e ele ficou muito aborrecido com a ausência da namorada, acho que estavam meio brigados.

No dia e horário marcados para a volta de sua amada, ficou esperando no antigo ponto de ônibus da rua Brasil, (na esquina com a avenida Carlos Gomes), onde era o bar do "Ranchinho", e não se concretizando a volta da amada, ficou muito muito angustiado.

Foi, então, até a uma casa de comércio e adquiriu uma lata de "Formicida Tatu", veneno terrível e mortal. Dirigiu-se para fora da cidade, adentrou algumas linhas de um cafezal e ingeriu parte do veneno, vindo a falecer dentro de poucos segundos.

Mais tarde um pouco, Ofélia chegou em outro ônibus e tomou conhecimento do que havia ocorrido. Desesperada, conseguiu uma charrete (o táxi da época) chegando em seguida no local onde se achava o corpo sem vida do namorado. Debruçando-se sobre o corpo inerte, num ímpeto de loucura e paixão, beijou seus lábios sofregamente e morreu abraçada ao corpo do amado!

Em época de seca brava, o "Dito Bobo" reunia as crianças da região e fazia uma procissão pedindo chuva, todos com velas acesas nas mãos e cantando a única música que ele sabia: "mãezinha do céu, eu não sei rezar, eu só sei dizer, quero te amar...". A procissão terminava nesses cruzeiros, que marcavam o local da tragédia do casal de professores, onde as velas eram depositadas.

Hoje não tem mais cafezal e nem as cruzeiras. Quando fizeram a avenida Florindo Cestari removeram os cruzeiros.

A Saúde em Palmeira d'Oeste

O primeiro agente na área de saúde de Palmeira d'Oeste chegou em janeiro de 1945, o farmacêutico José Roveri, que montou sua farmácia e residência numa casinha de madeira. Durante muitos anos, foi o único profissional que atendia os doentes da região.

Doutor (médico) era um título que ostentava uma dignidade sem tamanho, era uma autoridade na aceção correta da palavra, assim como eram “autoridades” o delegado de polícia, o padre, o prefeito, os vereadores e vai por aí afora...

O primeiro médico que fixou residência e consultório por aqui chegou no início de 1956, o **Dr. Paulo Costa!**

Recém-formado e oriundo do Rio de Janeiro chegou com muita disposição para exercer sua nobre profissão e vencer, tanto na popularidade como na parte econômica, só que havia um detalhe: ele era chegado em um “uísque” e sob o efeito da bebida, se transformava, ficava valente, provocador e gostava de dar uns tiros no fundo do seu quintal (eleera um ótimo atirador).

Solteiro e detentor do título de “Doutor”, era sistemático, uma pessoa “fina” e um bom profissional. Foi aí que apareceu a Professora Dorothy de Oliveira, que lecionou em escolas rurais, inclusive São Francisco, e no Grupo Escolar de Palmeira d'Oeste; eles se enamoraram e em poucos meses estavam casados.

Eu gostava do Dr. Paulo, ele foi muito importante para Palmeira d'Oeste, inclusive foi ele o “criador” do Posto de Puericultura (Posto de Saúde) e do primeiro hospital da cidade, a Casa de Saúde São Paulo que, depois, por iniciativa dele passou a ser a Santa Casa de Misericórdia (a Santa Casa localizava-se onde hoje é a Prefeitura (avenida Francisco Félix Mendonça).

Por muito tempo o Dr. Paulo foi o Diretor da Santa Casa; concomitantemente ele foi durante muitos anos, até se aposentar pelo estado, o Diretor do Posto de Saúde da nossa cidade.

Com as mudanças introduzidas pelo Ministério da Saúde e criação do SUS, a “saúde” foi municipalizada; alguns Hospitais particulares e Santas Casas foram “adquiridos” pelas prefeituras.

Dr. Paulo, então, deixou de exercer a medicina e foi cuidar de sua propriedade rural. Vendeu sua bela casa que ficava em frente à Santa Casa de Misericórdia, adquiriu uma menor e foi viver boa parte de sua vida em sua fazenda localizada em São Francisco (SP) onde, aliás, veio a falecer deixando viúva dona Dorothy e três filhos, todos maiores de idade.

Seu corpo foi levado para o Rio de Janeiro, onde foi cremado, atendendo um pedido seu.

Dona Dorothy passou a viver em sua casa na cidade, delegando poderes ao então administrador das terras, Sr. Valdemir de Oliveira, o popular Mirim, o

qual, tempos depois acabou negociando a fazenda, a pedido, claro, de dona Dorothy.

Tempos depois da chegada do Dr. Paulo Costa foi construído um novo hospital, o “Hospital Santo Antônio”, pelo médico Antônio Queda que junto com o Dr. Eder Donato oferecia mais uma opção para o atendimento da população.

Posteriormente, Dr. Antônio Queda vendeu seu hospital para o Dr. Francisco Félix Mendonça e mudou-se para Jales SP).

O hospital passou a ter o nome de “Hospital São Francisco” e Dr. “Chiquinho” o manteve por muitos anos, até decidir pelo seu fechamento por ocasião do início do sistema SUS do governo federal.

Outro hospital foi a “Casa de Saúde Dr. Dumar”, fundada pelo Dr. Dumar Carlos Rezende, irmão do dentista Diógenes, que tempos depois passou a ser a sede da Santa Casa de Misericórdia de Palmeira d’Oeste.

Antigas personalidades: João Missoni, um caso à parte

Um caso “sui generis” e de grande repercussão na época, foi do então Padre João Missoni, que vinha de General Salgado para celebrar missas, batizados e casamentos aqui em Palmeira d’Oeste.

Ainda jovem, se apaixonou por uma moça prendada com a qual decidiu se casar. Concedida a licença pelo Papa da época, creio que Pio XII ou João XXIII, ele deixou a batina e suas funções sacerdotais e se casou com a jovem Chafica.

Casado, foi residir num belo sítio, próximo da cidade, no bairro rural Cacique, mais ou menos 50 alqueires de sua propriedade, e lá construiu sua família.

O casal teve dois filhos: João, o primogênito e Paula. Depois de algum tempo, venderam a propriedade para o Sr. Magid e adquiriram um pequeno sítio de 10 alqueires no Córrego da Anta.

Tempos mais tarde, foram morar em Jales, ali João Missoni se transformou em professor... Era um homem de muita perspicácia e rara inteligência, além de educado e muito generoso.

José Vicente Vicente, o fundador de nossa cidade

Quando eu cheguei, isto em 1946, José Vicente Vicente aqui já estava residindo, em seu sítio, ali onde era a propriedade do José Furuchi, atualmente são terras dos Montanari. Nesse local morou até o final da vida dele.

Seu irmão, Orlando Vicente, enquanto solteiro, morava com ele, e muito colaborou com a criação da primeira escola, cuja primeira professora foi a dona Diná, mulher do Valter Moreira Filho; depois, a segunda foi dona Maria Eliza, que acabou se casando com o Orlando Vicente. Ambos moravam no sítio, em casas de

pau a pique.

Depois de casado, o Orlando construiu uma casa de tábuas e veio morar na vila. A casa era ali onde morava o Dr. “Chiquinho”, na avenida que leva o seu nome (avenida Dr. Francisco Félix Mendonça, número 4720).

O Zé Vicente, casado com dona Idalina, teve quatro filhos: Yvonne, a mais velha, Sônia Maria, Célia e Thomaz, conhecido como Thomazinho; depois que ele faleceu, a esposa acabou mudando para Santos.

O Zé Vicente loteou alguns terrenos (lotes), mesmo sem limites oficiais, e, com isso, a cidade foi crescendo, ainda que com construções bastante primitivas: ranchos de sapé e casas de barro ou de pau a pique.

O agrimensor Orestes Ferreira de Toledo traçou as ruas e avenidas, deu nome a elas e delimitou os terrenos que passaram a ter medidas oficiais e foram legalizados em Cartório...

Com relação à personalidade de Zé Vicente, digo que fora da bebida ele era gente boa, mas era complicado quando bebia: ficava agressivo e fazia algumas estripulias, inclusive com sua própria família. Tanto que, mesmo casado com dona Idalina, ele arrumou uma nova companheira e vivia com as duas. Para complicar, essa sua amante tinha uma irmã e ambas eram filhas do Sr. Félix Dama, que havia vindo de Catanduva.

O Sr. Félix tinha um boteco (onde hoje é uma floricultura na avenida Euclides da Cunha, número 4943) e um hotel/restaurante acoplado e atendia, ele mesmo, às pessoas que lá compareciam.

A certa altura “do campeonato”, saiu um comentário na vila que o Zé Vicente havia dito que “já havia levado uma das filhas do Félix e levaria também a outra”; era atrevido e não temia nada.

O Sr. Félix, pelo que contam, mandou um recado ao Zé Vicente: “não se atreva a comparecer no boteco, pois daqui não sairá vivo”. Conta-se também que ele, Félix Dama, precavido como era, avisou as autoridades da cidade que “não suportaria a presença de Zé Vicente em seu estabelecimento”; mas não surtiram efeitos as recomendações.

Certa tarde, o Zé Vicente compareceu ao boteco e pediu um café à moça que veio atendê-lo: era a filha mais novada do Félix em quem ele estava interessado.

O Sr. Félix, ao notar a presença do freguês indesejado, pediu à filha que se retirasse, pois ele mesmo iria servi-lo. Ao se aproximar do balcão, pegou seu revólver e disparou com convicção, acertando o projétil na testa do Zé Vicente. Este, caído, foi socorrido por pessoas que transitavam nas proximidades naquele momento e, como não havia Pronto-Socorro, muito menos Hospital, foi levado às pressas para a Farmácia do Gerônimo, popular Gerominho, mas não houve tempo para nenhum procedimento: morreu em seguida!

O corpo de José Vicente Vicente foi sepultado aqui em Palmeira d’Oeste, eu não posso afirmar se os restos mortais dele foram trasladados para alguma outra cidade, mas esse fato ainda é comentado.

Seu irmão Orlando Vicente permaneceu por aqui por algum tempo. Posteriormente foi embora e correu o boato que ele foi assassinado na divisa do Brasil com o Paraguai.

Triste fim tiveram o fundador de Palmeira d'Oeste e seu irmão!

Minhas pescarias

Agora, vou relatar um pouco de minhas aventuras, principalmente em pescarias com meus amigos, desde a minha infância até recentemente.

Tive e tenho muitos e bons amigos e companheiros, e como foram boas as aventuras que juntos vivemos.

Eu conheci e pesquei em muitos rios brasileiros, em rios do Pantanal como: rio Taquari, rio Itiquira, rio São Lourenço, rio Piquiri, rio Paraguai, rio Jauru, rio Cabaçal e tantos outros... O que mais gostei foi o rio Sepotuba, bem para baixo da Barra dos Bugres, mais de 100 quilômetros.

Os companheiros eram e são grandes pessoas, amigos, companheiros de verdade; lembro bem de muitos deles, como o Osmar Mingati, Baiano Mingati, Dito Gasques, Eduardo Kfourri, Celso Béni, Veni Mingati, meus cunhados Ricardo e Donovan Secafen e outros tantos...

Curioso é que, da capital paulista, vinha um senhor de 89 anos, meio parente da família Mingati, chamado Sr. Severino que, apesar da idade, ia conosco e pescava tanto quanto nós. Outro amigo, vindo também de São Paulo, por nome de Valdemar Zuanabi, também nos fazia companhia em nossas aventuras pesqueiras por este mundão de Deus...

Quando íamos ao rio Sepotuba, passávamos na Barra dos Bugres e nos fazíamos acompanhar pelo "Nêgo Barbudo" (irmão do Valtinho Goiaca), um velho conhecido, casado com dona Júlia e que havia morado aqui. Ele nos recepcionava da melhor maneira possível e nos dava retaguarda durante os dias em que ficávamos por aquelas paragens.

A lembrança mais gostosa que posso relatar, podemos assim dizer, foi quando, em uma das três pescarias que fizemos no Sepotuba, pescamos um jaú de 53 quilos limpo! Uma beleza de peixe e sua captura foi comemorada festivamente por todos nós.

Nesta oportunidade, fomos recebidos pelo dono daquela fazenda da família Scatulin, eles eram da região de Olímpia (SP). Ele determinou aos seus empregados que matassem uma novilha, um carneiro e uma leitoa para que festejássemos o sucesso da pescaria que, aliás, seria paranós, o último dia dessa aventura tão gostosa e tão sadia.

Foi uma grande festa, parecia "encontro de senadores e deputados", tamanha a fartura de carne e cerveja que nos foi oferecida, além do carinho e da hospitalidade com que fomos tratados.

Tudo acabou, mas a valeu a pena, e muito!

Atividades profissionais diversificadas

Desde criança, eu sempre trabalhei. Quando viemos de Jardinópolis para cá, eu contava com treze anos de idade, mas desde os sete anos eu já acompanhava meu pai nas lavouras. Ele não era colono, trabalhava como meeiro, ou seja, 50% para ele e 50% para o dono da fazenda.

Nesta época de pré-adolescência, eu trabalhava com um tio no engenho da fazenda, tocado com animais (geralmente burros) fortes e adestrados. Meu pai e meu tio Joaquim eram os batedores de tacho e eu tinha que moer duas carroças de cana todos os dias. Quatro horas da madrugada já estava tratando a tropa; assim eu pude amealhar algum dinheirinho. Produzia muita garapa (caldo da cana) que era transformada em rapadura.

Certa ocasião, eu já com uns dez anos de idade, véspera do dia de São João, um frio danado (aquele dia geou), o patrão disse que quando moesse as duas carroças de cana o dia já estava ganho. Levantamos mais cedo ainda, vesti uma blusinha de flanela, engatei os burros no moedor do engenho, subi no monte de cana e o “reio comeu”.

Meu pai e meu tio foram acender a fomalha. Quando o dia clareou, eles viram os burros rodando sozinhos e me encontraram roxo de frio, durinho, em cima do monte de cana. Pegaram-me, me enrolaram num cobertor, me deram café quente e me colocaram perto da boca da fomalha, então melhorei, aos poucos comecei a me mexer e conseguir falar.

Já mocinho, eu trabalhei com carrinho de roda de pau, puxando “capim-gordura” para tratar dos animais, tipo “feno”.

Já aqui no sertão, ajudei nas derrubadas de matas, nos plantios e cultivo das diversas lavouras, inclusive na formação dos cafezais.

Fui machadeiro, como já disse, e depois comecei a formar lavouras de café para os outros, podendo explorar a lavoura de café por prazo determinado, geralmente quatro a seis anos. Por este tempo, eu fui chamado, aliás convocado, para servir o Exército, como já mencionei e foi uma verdadeira epopeia a minha ida para o Exército.

Quando regressei, voltei com novas ideias, decidido a não trabalhar mais na roça, queria mudar de vida, de preferência, para melhor.

Meu cunhado José Roveri, sabendo de minha decisão de não mais trabalhar na roça, convidou-me para com ele trabalhar em sua farmácia.

Num primeiro momento, recusei, pois tinha pavor de injeção, mas ele me convenceu e eu comecei a trabalhar em seu estabelecimento farmacêutico, a Farmácia Santa Adelaide, isso no final de 1957. Trabalhei em sua companhia por treze anos. Neste ínterim, me casei e, em 1970, saí da farmácia e passei uns tempos trabalhando em Mirassol d'Oeste (MT).

Quando não deixei escapar a sorte do Zé Roveri

O Zé Roveri havia comprado um bom pedaço de terra bruta em Rondonópolis (MT) e estava no início da abertura da fazenda. Já tinha uns 200 alqueires formados com capim-colonião, mas sem estar cercado.

O Zé Baiano chegou de surpresa, num sábado à tarde, na farmácia, acompanhado de outro senhor e perguntou:

- O Zé Roveri está aí? Quero falar com ele. Respondi que sim e disse que poderia entrar que ele estava na sala dele. Eu continuei no balcão da farmácia.

O Zé Baiano disse:

- Roveri, eu vim te trazer a sorte aqui hoje, eu estou vendendo um avião para este senhor e, no negócio, eu preciso ficar com 300 vacas pantaneiras todas mojudas. Eu só faço o negócio se você pegar as vacas à “meia”.

O Zé Roveri respondeu:

- Eu não posso... Eu não posso... Eu só tenho uns 200 alqueires de colonião formado na fazenda em Rondonópolis e não tem cerca.

O Zé Roveri ficou inquieto, saía da sala e ia até o balcão e me dizia:

- Como é que eu faço? Eu não posso... Eu não tenho pasto...

E eu dizia:

- Pega as vacas, Zé”...

Mas ele chegou para o Zé Baiano e disse:

- Não vou pegar”!

O Baiano então falou para o comprador de seu avião que não haveria negócio e o Roveri lamentou:

- É Baiano... Você arrumou um bom negócio para mim, mas infelizmente não vou pegar porque eu não tenho o pasto.

Neste momento, eu interfeirei na conversa e disse:

- Roveri, como o senhor diz que não tem pasto? - O senhor tem lá quase 200 alqueires bem formados com capim-colonião, tem a tulha cheia de arame farpado e é só arrumar gente e mandar cercar!

Ele retrucou:

- Mas quem que eu vou arrumar?

Respondi:

- Eu vou lá para o senhor, é só arrumar mais gente e cercamos o pasto. Vamos cortando pau (tinha madeira mais que suficiente na fazenda), fincando no chão e passando os fios de arame”. O Roveri se animou, mudou de ideia e o Zé Baiano finalmente concretizou o negócio!

Fui para a fazenda em Rondonópolis. Naquele tempo, a viagem era difícil; saí de Palmeira d’Oeste, fui até Campo Grande (MS) e peguei o Expresso São Luiz. Era uma viagem de vários dias.

Chegando lá, me encontrei com Jorge (um posseiro capixaba) e pedi para que ele conseguisse de cinco a dez peões para me ajudar na construção da cerca. Ele conseguiu seis peões que trouxeram enxadões, machados, martelos....

A equipe de trabalho para fazer a cerca estava formada: um picadeiro ia na

frente fazendo a “picada na mata”, outros cortando pau para os palanques (tinha demais, pois era “derrubada nova”), outros abrindo buraco no chão e fincando os paus, e os demais esticando e fixando três fios de arame nos palanques.

O tempo era curto, pois o gado chegaria em pouco mais de uma semana.

Os boiadeiros chegaram trazendo duzentos e cinquenta e duas vacas pantaneiras mojando, das trezentas que iniciaram a viagem, quarenta e oito ficaram de “ribada” (não aguentaram o trajeto que demorou uns dez dias).

O gado chegou num fim de tarde. Faltava ainda fazer uns 200 metros de cerca para fechar a área daquele pasto. E agora? Ordenei que colocassem todo o gado para pousar fechado no curral e colocassem bastante sal nos cochos.

No outro dia, fomos terminar a cerca com o propósito de, enquanto não terminar a cerca ninguém iria almoçar. Terminamos por volta do meio-dia. Almoçamos tranquilos e, então, soltamos o gado no pasto.

O gado, gado pantaneiro, saiu num “trupé” danado, só se via colônia deitado, parecia trovão dentro daquele pasto, mas depois as vacas foram se acalmando e, no final, só escaparam umas doze vacas que atravessaram o rio, mas recuperamos depois. Lá já tinha uma meia dúzia de vacas custeadas no piquete, mansas, e que soltamos junto das pantaneiras.

As vacas foram parindo e, depois de três anos, o Roveri precisou pedir para o Baiano tirar o gado porque não cabia mais nos pastos que ele prosseguiu formando. Em poucos anos ele encheu a fazenda de gado.

Sinto que nesse progresso do Roveri eu também faço parte porque, se eu não o enfrentasse para fazer essa cerca, ele não pegaria o gado.

Zé Baiano (José Lourenço dos Santos) foi um aviador comercial e proprietário da Fazenda São Lourenço no Córrego do Macumã, muito amigo do Zé Roveri desde o tempo de mocidade, quando moravam em Pirangi (SP).

Meu primeiro dia como cirurgião

Certo dia dos anos 1960, já no final do expediente da farmácia do Zé Roveri, chegou um carrinho de roda de pau com dois senhores e um menino de uns nove anos deitado sobre um colchão. Eles eram moradores da fazenda do Okagima, onde “tocavam” roça de algodão.

O garoto foi apartar a briga de dois “cachaços” (porcos) no mangueirão e um dos cachaços o atacou e, com suas “presas”, rasgou a barriga do menino, coisa de um palmo; obrigando-o a segurar com as mãos suas “tripas”.

O Roveri estava viajando para sua fazenda e eu estava sozinho na farmácia. Eu disse que aquilo era procedimento para um médico, mas pela hora adiantada, falta de maiores recursos e pela insistência deles, só me restou a opção de tentar resolver aquela situação.

Lavei as mãos com água e sabão, sem luva (não tinha luva) e fiz o procedimento sem anestesia (o menino era forte, não gritou e nem chorou). Limpei bem a região ferida e a parte exposta do intestino com soro fisiológico, coloquei o intestino para dentro da cavidade abdominal, dei uns vinte pontos com

grampos cirúrgicos de metal, esterilizando cada um deles com o fogo de uma lamparina, até fechar o ferimento. Passei Merthiolate, cobri com uma gaze, apliquei uma vacina antitetânica e dei antibiótico para tomar em casa por sete dias. Recomendei que observassem o início de febre, caso ocorresse, era para levar imediatamente o garoto para cuidados médicos em Jales. Caso tudo corresse bem, era para vir me avisar no outro dia e voltar no décimo dia para a retirada dos pontos.

Só apareceram para a retirada dos pontos. Graças a Deus tudo correu bem. Retirados os pontos recomendei repouso.

Eram de família humilde, de poucos recursos, não tinham com que pagar e o que recebi foi a gratidão deles.

Permaneceram por aqui por mais uns dois anos e se mudaram.

Aquele menino, hoje um homem, nunca mais eu vi.

Nesses tempos em que o Roveri ia para sua fazenda, fiz muitos procedimentos cirúrgicos: drenagem de panarícios, furúnculos, abscessos mamários e até correção de fratura exposta.

Deixei por uns tempos o trabalho na farmácia do Zé Roveri

Eu já estava casado e não contente com o meu salário, pedia aumento e o Zé Roveri negava. Disse a ele que se eu saísse por aí negociando mercadorias ganharia muito mais. Ele respondeu que eu poderia sair depois que ele buscasse o Ivan, seu sobrinho farmacêutico de Pirangi. O Ivan chegou e eu fiquei mais uma semana apresentando os fregueses e a rotina da farmácia.

Montei uma sociedade com o Eduardo Barbeiro, pois tínhamos pouco dinheiro, contratamos três caminhões, um “trucão e dois “tocos”.

Um caminhão era do Américo Dias (ou seria da Dona Sebastiana?), dirigido pelo Juruna; outro do Bevilar, dirigido pelo Eduardo Matheus, e o último do Ameriquinho (genro do Zé Cavalheiro), dirigido por ele mesmo.

Compramos e carregamos os caminhões com mercadorias para serem vendidas nos armazéns e vendas das regiões de Rondonópolis e Jaciara: miudezas, alimentos processados, etc.

Iniciamos a viagem e, quando chegamos no posto “Pouso Frio”, no “Chapadão”, estava chovendo muito e o frentista nos alertou para que não prosseguíssemos com a viagem, pois mais à frente tinha um atoleiro com um caminhão encravado no barro e não passava ninguém.

No “Chapadão”, naquele tempo, a vegetação era baixa, tinha um capinzinho e poucas arvorezinhas. Resolvemos, então, desviar do atoleiro e sair na estrada mais à frente. Entramos na estrada, rodamos mais ou menos um quilômetro e pouco, e o caminhão que estava na frente bateu num cupim “daqueles”, foi afundando, encostou a carroceria e encravou no barro.

Choveu a noite inteira e no outro dia até as dez horas, e nós dentro dos

caminhões. Passada a chuva, fomos até o “Pouso Frio” para tomar um café, comer alguma coisa e voltar para descarregar o caminhão e tentar desencravá-lo. Ao voltar, a chuva voltou, foram cinco dias com chuvas iniciando à tarde e só parando no outro dia por volta das dez horas, e nós dentro dos caminhões.

Descobrimos que a um quilômetro e pouco à frente na estrada tinha uma pensão. Chegávamos e encomendávamos a comida (naquele tempo não tinha comida pronta), agente pedia:

- mata um frango, faça um arroz...

Foram cinco dias assim e nós dormindo dentro da “gabina” (cabine) dos caminhões, aquilo já estava tudo molhado, a gente cheirando a “cachorro molhado” porque não tinha jeito de tomar banho. No quinto dia, cheguei na pensão e fui encomendar o nosso almoço e a dona nos disse:

- Filho, fazer o almoço como quê?

- Não tem nada, acabou tudo, vocês comeram tudo e não tem jeito de eu ir em Alto Araguaia (MT), não passa nada na estrada; nem para mim comer eu tenho!

Nossa sorte é que era tempo de gabirola, dois dias ficamos colhendo e comendo gabirola no campo.

No sétimo dia, a chuva parou! Descarregamos o caminhão, colocamos uns “macacos”, calçamos e conseguimos seguir viagem...

O Ivan, sobrinho do Zé Roveri, ficou por uns quinze dias trabalhando na farmácia e disse que iria para Pirangi (SP) buscar as suas coisas. Foi e não mais voltou! Então, o Roveri me procurou e disse que pagaria o salário que eu havia pedido. Eu não quis mais, pois havia ganhado mais dinheiro com minha viagem. Ele insistiu foi aumentado a oferta até chegar a uns 12.000 cruzeiros e, então, eu voltei a trabalhar na sua farmácia até 1970.

A aventura mato-grossense

Logo depois que deixei definitivamente de trabalhar com o Zé Roveri, refiz minha sociedade com o Eduardo Barbeiro e fomos até Mirassol d’Oeste, pois ia muita mudança para lá. Compramos um burro aqui em Palmeira para vender em Rondonópolis, ficou até barato e tivemos um bom lucro. Passamos por Inocência (MS) para levar a mudança de uma pessoa que iria ser vaqueiro do Zé Roveri, colocamos o burro na parte de trás da carroceria do caminhão e na viagem, que durava mais de dois dias, dormimos num lugar chamado de “Vaca Parida”. Armamos uma redinha pequenininha nas travessas de um barracão, logo acima do burro que se bateu a noite inteira. Eu e o Eduardo Barbeiro dormimos os dois numa rede só.

Descarregada a mudança e vendido o burro, fomos para Mirassol d’Oeste comprar arroz. Compramos carga para três caminhões de arroz, os motoristas eram: Eduardo Matheus (com um caminhão “trucão”), Juruna e o Ameriquinho. Na viagem de volta, desviamos por Campo Grande, paramos para almoçar em Rio Verde, perto de Coxim e pousamos perto de Campo Grande. Depois, demoramos

mais um dia e um pedaço da noite para chegarmos em Palmeira d'Oeste (chegamos as oito horas da noite).

No outro dia, já corri atrás para vender o arroz. A gente estava precisando do dinheiro. A carga de arroz do primeiro caminhão foi vendida para a máquina de beneficiamento de arroz do Zélindo Biscassi, a do segundo vendi para a dona Sebastiana que “mexia” com cereais. Depois do almoço, pegamos uma charrete e fomos até a venda e máquina de arroz do Clarismindo no bairro rural do Monte Verde para tentar vender a carga de arroz do “trucão”. Levei amostra e garanti que o arroz era de “primeira”. O Clarismindo gostou do arroz e fechamos o negócio.

Eu e o Eduardo Barbeiro tivemos um bom lucro!

Mascateando nas glebas mato-grossenses

Mirassol d'Oeste estava começando e meus irmãos já estavam por lá, haviam levado para lá a loja “Casa Ribeiro” que era de meu pai. Eu comprei uma “perua rural” e me metia mascatear.

Nos sábados e domingos, eu os ajudava no comércio e de segunda a sexta-feira eu mascateava nas glebas vizinhas. Recordo da primeira viagem que fiz, com a perua lotada. Sem conhecer nada do lugar, acabei chegando a Porto Esperidião (MT). Lá chegando, não encontrei espaço para estacionar, avistei uma árvore bem no começo de uma rua e falei comigo mesmo: “vou parar a perua debaixo dessa árvore e iniciar meu trabalho de mascate”.

Quando olhei ao meu redor, foi que notei a presença de vários matutos, caboclos sertanejos, todos armados com facas, revólveres e até espingardas! Aquilo me fez gelar dos pés à cabeça, quase chorei e, por pouco, não chamei por minha mãe, mas logo me refiz da primeira impressão. Tomei coragem e abri o “portamalas” da perua, estendi um pequeno encerado no chão, ali mesmo, e comecei a descarregar parte da mercadoria. Eu tinha um pequeno alto-falante instalado na perua, liguei o danado e comecei a anunciar a minha presença!

Meus amigos, pasmem, foi um sucesso! Logo o povão começou a se aproximar da perua e se interessar pelos produtos que eu tinha para vender.

Vale ressaltar que nesse marcante dia, havia uma festa religiosa muito grande na cidade, muita carne, muita música e muita alegria partilhada e, coincidência ou não, a maioria das pessoas que se dirigia para o local da festa tinha que, obrigatoriamente, passar pelo local onde eu estava “estabelecido”.

Entre os objetos de venda, eu havia levado umas duas dúzias dessas faquinhas de serra de mesa e um balaio cheio de sutiãs, levados daqui de Palmeira d'Oeste (peças com pequenos defeitos, consideradas refugo). Eu expus tudo ali, ao ar livre, e as pessoas, à medida que passavam para se dirigir à festa, paravam e compravam uma, duas, três e até mais faquinhas. Tanto que no prazo de uma hora não havia mais nenhuma. O mesmo aconteceu com as tesouras e os fatídicos sutiãs. Havia mulheres que experimentavam por cima da roupa e perguntavam o preço. Eu dizia:

- São cinco cruzeiros para acabar, e acabou mesmo, algumas mulheres

chegaram a comprar meia dúzia cada uma...

Essa primeira aventura havia começado de manhã já eram quatro horas e eu sem comer, sem beber e sem usar banheiro, tanto era o afluxo das pessoas para comprar alguma coisa. Foi quando apareceu, de repente, o Salvador Garcia, meu conhecido e amigo, que estava morando por aquelas bandas. Ele se ofereceu para ficar ali na perua enquanto eu descii até um barraco no final da rua para comer alguma coisa, beber água e usar o sanitário, mas quando lá cheguei, a dona do barraco me informou que só havia um resto de pão, um pouco de mortadela e um “guaraná quente”. Eu não tive opção, comi o pão com a mortadela e o guaraná sem gelo e retornei feliz para meu local de vendas.

Já era noite quando regressei para Mirassol d’Oeste depois de ter vendido tudo o que havia levado.

Esta primeira viagem que fiz como mascate foi marcante para mim, pois foi totalmente positiva e me rendeu um bom lucro...

O frango com arroz

Minha esposa, em certa ocasião, foi para Mirassol d’Oeste e ficou lá comigo por mais de um mês acompanhando-me nas minhas viagens para mascatear com a “perua rural”. Indo em direção as localidades Nova Santa Fé e Cabaçal. Paramos numa propriedade de uma família de afrodescendentes, humildes, oriundos da cidade de Araçatuba (SP). Negociamos roupas, miudezas em troca de galinhas e arroz com o combinado de pegarmos o pagamento na viagem de volta.

A Lourdes e eu costumávamos dormir na perua mesmo. No início da noite, pedíamos para o último freguês do dia deixar que estacionássemos a perua em sua propriedade para termos mais segurança a noite.

Na volta, chegamos na “boca da noite” para receber nosso pagamento e fomos muito bem recebidos. Pedimos a permissão para passarmos a noite ali para seguir viagem no outro dia. Tínhamos comido naquele dia apenas um pacote de bolacha de sal, era o que nós tínhamos!

Aquele pessoal era prestimoso demais, a dona da casa ofereceu para que tomássemos banho, alertando que era banho frio e percebeu que estávamos “mortos de fome”. Então, matou um franco e fez arroz para nós.

Foi o melhor frango com arroz que comi na minha vida!

Percebi que aquela bondosa senhora era devota da Santa Joana D’Arc e então, numa próxima viagem para aqueles lados, demonstrei minha gratidão dando de presente para ela uma estátua da Santa de sua devoção.

Uma outra aventura, esta com meu irmão

Um belo dia, eu saí para mascatear nas glebas da região de Mirassol d'Oeste e pretendia ir até a Lagoa dos Patos, Araputanga e Tabuleta.

Meu mano Wilson me acompanhava nesta viagem. Eu disse a ele que o combustível não era suficiente, tínhamos que encher o tanque de combustível da perua e levar conosco um galão de gasolina para viajarmos tranquilos, e assim fizemos.

Durante a viagem de ida, depois de passarmos uma ponte, demos de cara com um batalhão do exército onde todos os que passavam eram parados e revistados. Com a gente não foi diferente, paramos e, quando fomos solicitados para apresentarmos os documentos, tivemos uma grande surpresa: não tínhamos nenhum documento, nem pessoais, nem da perua, nem notas fiscais da mercadoria, nada! Havíamos esquecidos tudo.

Não deu outra, fomos conduzidos até o quartel, onde fomos interrogados. Tomamos uma excelente reprimenda dos militares e fomos declarados presos! Tentei aliviar a situação sugerindo aos militares que meu irmão ficasse naquele local e eu iria para casa pegar os documentos para posterior apresentação; mas o comandante não concordou!

No desespero, comecei a contar que já havia servido o exército, em Nioaque (MS), inclusive citei os nomes de alguns superiores, entre eles, o Sargento Victor, o Capitão Otávio, o Sargento Cinturião... Quando pronunciei o nome do Cinturião, o comandante se empolgou e disse ser primo desse Sargento. Aí pensei, “estamos em casa”, e de fato eles confabularam entre si e concluíram que éramos “gente boa”, pessoas honestas e trabalhadoras e tudo o mais. Orientaram-nos para que não repetíssemos tal erro e nos liberaram para que continuássemos nossa aventura... Eu agradeço ao Sargento Cinturião, que foi o nome que me livrou dessa enrascada.

Em Mirassol, fiquei por mais algum tempo mascateando, mas sempre preocupado com a família, principalmente com a filha prematura. Não queria mudar com minha família para Mirassol d'Oeste, pois não havia muitos recursos na área da saúde, então, resolvi voltar de vez para Palmeira d'Oeste.

Fiz o acerto com meus irmãos e a parte que me tocou foi de uns sete mil cruzeiros.

Depois me tornei “sócio” do Salvador Garcia e iniciamos uma nova aventura: começamos a comprar arroz lá na região do Cabaçal e trazer para Palmeira e região, onde as lavouras de arroz já estavam em decadência e aqui se vendia por bom preço e com muita facilidade, e assim fizemos.

Salvador Garcia, o salvador da pátria

Sacramentada minha sociedade com o Salvador Garcia, rumamos para a região do Cabaçal e lá erguemos o nosso barraco com folhas de coqueiro e nossas camas de esteira...

Ressalve-se que meus amigos não aprovaram essa minha sociedade com o Salvador, alegavam que ele era “nó cego” e só pensava nele próprio, mas eu confiei nele e iniciamos a compra de grandes quantidades de arroz, dos inúmeros posseiros da região.

Cheguei a comprar 500 sacos de arroz de uma só vez, o preço era bom, não passava de um cruzeiro cada saco naquela época. Então, com a compra realizada resolvi vir embora e o Salvador ficou por lá tocando o negócio, ele voltava lá todo mês, era o dono do pedaço, conhecido por todos da região...

Nas idas e vindas, um acidente

Em Mirassol d’Oeste, eu fiquei quase dois anos, mascateando e conhecendo de perto aquela bela região, mas tive que voltar ao torrão amado. Minha esposa, inclusive, estava grávida da nossa filha caçula, Cristiana.

A Lourdes e os filhos haviam ficado em Palmeira d’Oeste enquanto eu me aventurava como um autêntico “caixeiro viajante”.

De três em três meses eu viajava de volta para Palmeira d’Oeste, para o seio da família, ficava alguns dias e retornava para Mirassol d’Oeste.

O nascimento da filha Cristiana estava previsto para o começo de agosto, mas eu decidi voltar em julho, para estar junto da esposa e participar do nascimento da segunda filha.

Numa dessas idas e vindas, tomei um ônibus já bem usado, que os irmãos do Sr. Baptista Alvarez Campos (o Antônio e o Luiz) tinham comprado para levar para Quatro Marcos (MT) e iniciei minha viagem para Mirassol d’Oeste.

Na viagem, tudo corria bem quando, de repente, o ônibus sofreu um acidente e rolou serra abaixo, para lá de Cuiabá (MT), na Serra da Oncinha.

Não sei se o motorista bobeou, parece que o ônibus “engoliu a marcha” e veio de ré, à noite e para piorar, numa curva. Ainda rodopiou e caiu de pé, mas a pressão foi tão grande que o pára-brisas do ônibus foi parar na copa de uma árvore, foi um “Deus nos acuda”, gente ferida, gente gritando.

O motorista alertava sobre o perigo do ônibus se incendiar. Foram momentos de muita dor e aflição. Depois do ocorrido, uns ajudando os outros, ficamos à beira da estrada aguardando algum socorro. Foi quando surgiu um caminhão da marca FNM (a gente chamava de Fenemê) e nos transportou a todos para o hospital mais próximo, no caso, Cáceres!

Só depois de socorridos foi que percebi que havia fraturado três costelas. No hospital, queriam enfaixar meu tórax, mas não deixei. O velho Florindo Cestari

também quebrou costelas e eles o enfaixaram.

Fomos para Mirassol d'Oeste e, ao chegar lá, o Florindo Cestari começou a desmaiar, então, no desespero, o trouxeram para Jales de avião. Foi quando o médico descobriu que umas das costelas quebradas havia perfurado o seu pulmão.

Mesmo com as costelas quebradas, continuei trabalhando com um braço só e meu tratamento foi à base de “erva-de-Santa-Maria” (mastruz), sal, banha (gordura) de porco (tomei um copo cheio que até hoje me “arrepia”) e chás de diversas plantas.

O desespero do meu pai

Quando eu cheguei à casa onde morava, meu pai ficou desesperado e tomou a decisão de vir imediatamente para Palmeira d'Oeste, pois minha esposa Lourdes, com uma gravidez complicada, se tomasse conhecimento do meu acidente, poderia passar mal e complicar ainda mais as coisas. Assim, ele tomou um ônibus, demoravam-se uns três dias para chegar ao destino, e quando ele chegou a Palmeira d'Oeste, minha esposa já estava hospitalizada.

Como notícia ruim vem de avião, ela havia sido informada do acidente, não sei por quem, e como se previa, passou mal e já estava no hospital sob os cuidados do Dr. “Chiquinho” (Dr. Francisco Félix Mendonça), o qual avisou que “garantia” a vida da mãe, mas não a da criança!

Realizada a cirurgia cesariana, minha esposa reagiu bem e a criança, nascida prematuramente, foi levada para a “estufa”, onde permaneceu até completar os dias de sua gestação.

O final foi feliz, pois ambas se salvaram; e eu só retornei para minha residência um mês e meio depois, mas a tempo de ver a pequena Cristiana se “restabelecendo na estufa”.

Minha volta a Palmeira d'Oeste

Quando cheguei a Palmeira d'Oeste, de cara, encontrei o Arnaldo Fredi. Ele havia largado o emprego na farmácia do Renato, que também tinha se transferido para Mirassol d'Oeste. Ele estava meio sem rumo, querendo trabalhar, precisando trabalhar. Eu também não estava satisfeito com o meu trabalho de mascate, nem com a compra e venda de arroz, pensava em ir embora de Palmeira d'Oeste, talvez para São Paulo.

Passado uns quatro meses, o Salvador apareceu e veio me perguntar se eu queria vender o arroz que tínhamos adquirido meses atrás. Ele garantiu que um cidadão da cidade de Urânia compraria toda a carga e pagaria quatro cruzeiros o saco. “Puxa vida”, tínhamos comprado por, no máximo, um cruzeiro cada saco. Então, fechamos o negócio com o trato de colocarmos o arroz na beira do rio e o comprador o transportaria em canoas para o lado de cá. Assim foi feito e, ao apurar o resultado, a minha parte importou em mais de doze mil cruzeiros (eu havia gasto

cinco mil, portanto, tive um lucro fabuloso).

O Arnaldo Fredi sugeriu que montássemos uma farmácia em sociedade e eu topei a parada. Nós dois havíamos trabalhado muito tempo em farmácia, ele com o Renato e eu com o Roveri, então, juntamos o útil ao agradável e montamos uma farmácia em sociedade.

Eu, agora com o dinheiro na mão, cheguei até o Arnaldo, todo animado e lhe disse:

- Agora podemos iniciar de vez o nosso negócio.

Aí surgiu um problema: o dinheiro do Arnaldo era bem menor do que eu dispunha naquele momento e a sociedade não podia ser meio-a-meio. Eu disse a ele que não tinha importância, íamos tocando o comércio e, assim que ele tivesse o suficiente, me pagaria. Ele chegou a vender um fusca para poder igualar-se a mim e ficar sócio meio-a-meio.

Mesmo com pouco dinheiro, ele foi até Votuporanga e comprou a estrutura de uma farmácia desativada e, em poucos dias, montamos a nossa farmácia, a “Farmácia Central”, onde é hoje a “Relo Pesca Variedades”, na Rua Brasil, número 1880.

Iniciamos e tocamos o barco, com muita fé e esperança de vitória. O nosso empreendimento foi abençoado por Deus! Ganhamos muito dinheiro e eu sou muito agradecido a ele pela parceria e pelo sucesso que tivemos. Não sei se a recíproca é verdadeira, mas o fato é que, por muitos anos, lideramos a área farmacêutica de nossa cidade, até porque não se encontravam farmacêuticos formados e nós, ainda que não graduados em farmácia, tínhamos muita experiência prática, em virtude dos muitos anos de trabalho junto ao Roveri e ao Renato.

Nessa época, o Inspetor da área farmacêutica era um espanhol, chato para burro, cara fechada, sujeito mal, ruim, de São José do Rio Preto, chamado Cervantes.

O Cervantes exigia que o responsável pela farmácia fosse um profissional graduado. Nós rodamos a região inteira e não encontramos nenhum profissional da área que aceitasse ser o responsável por nossa farmácia, só fomos encontrar um em Araraquara, mas o Cervantes não aceitava de jeito nenhum.

Fomos várias vezes falar com esse inspetor. Ficamos quatro meses com a farmácia montada e não podíamos abri-la.

Coincidentemente, o cunhado do Cervantes, o Escateli, era o dono do escritório que fazia a escrita das farmácias (a máfia já vinha de muito tempo). Na última vez, fomos lá eu e o Arnaldo. O Cervantes me empurrou e não queria conversa, então eu quis saber dele onde estava o farmacêutico das outras farmácias.

Perguntei se ele se lembrava do fato que, a cada dois meses, eu levava para ele um envelope com dinheiro que o Zé Roveri mandava na época que eu trabalhava para ele. Acho que esse argumento o “sensibilizou” e ele liberou a contratação de uma farmacêutica formada de Araraquara.

Passado uns três meses, o Inspetor apareceu na farmácia, estava chovendo muito, e queria saber da presença da farmacêutica e eu dei um “migué” nele. Eu disse para o Cervantes:

- Ela está dando aula lá no Córrego da Laranjeira, se o senhor quiser ir lá, pode

ir, com essa chuva só de charrete é que se pode chegar lá.

Ele foi embora e deixou de perturbar a gente, mas depois de uns tempos, ele foi perturbar o Luiz da Farmácia (Luiz Yosetake Tomossablo) e levou uns trancos dele.

Tempos depois, eu fui montar uma farmácia para o meu irmão Dílson, que veio quebrado do estado do Mato Grosso. Estava comprando uma farmácia de Jales, que já tinha farmacêutico, para transferir para Aparecida d'Oeste e fomos até o escritório do Inspetor Cervantes.

O Cervantes permitiu apenas a minha entrada, ele exigia que o chamassem de Doutor.

Eu disse:

- Doutor Cervantes, eu estou comprando uma farmácia para montar em Aparecida d'Oeste e ela já tem farmacêutico. Eu quero saber do senhor se posso fazer a transferência desse farmacêutico para lá.

Ele pegou um papel, escreveu algo no papel e me entregou. Li o papel e estava escrito: *dê-me 500 cruzeiros e pode abrir a hora que quiser*. Peguei o papelzinho e enfiei no bolso, saí da sala e busquei o dinheiro com o Dilson e seus sócios.

Eu voltei e entreguei o dinheiro para o Cervantes. Ele pediu para que eu devolvesse o papelzinho, mas eu disse:

- Não Senhor, ele vai ficar comigo, ele vai ser a prova de que te pagamos!

Depois disso, ele nunca mais nos perturbou.

Quando compramos a farmácia do Gerônimo

Um ano após eu e o Arnaldo abrirmos a farmácia Central, o Gerônimo mudou sua farmácia de local, alugando o prédio que era das Casas Jaraguá, na esquina da rua Brasil com avenida Carlos Gomes.

Algum tempo depois, ele e sua esposa Cecília se desentenderam e queriam vender a farmácia, nós interessávamos na compra, mas, para nós, ele não vendia, pois o Gerônimo não “combinava” com o Arnaldo.

O corretor era o Dante, cunhado do Gerônimo. O que fizemos? Propus a solução de eu comprar a farmácia sozinho (na verdade, era junto com o Arnaldo). Ele concordou e fechamos o negócio.

Eu e o Gerônimo fomos a São Paulo, capital, para fazer a transferência do contrato de aluguel do prédio.

O Marun (advogado) e sua mãe, dona Aurora, foram os avalistas, e então ficamos sabendo que o dono das Casas Jaraguá (Tecidos Votex) e do prédio era o Senhor Antônio Ermírio de Moraes.

O Gerônimo, logo depois, se mudou para São José do Rio Preto.

Quase um ano depois, eu e o Arnaldo encerramos a empresa, “demos baixa da farmácia”, que era do Gerônimo e passamos a Farmácia Central para o prédio que era do Antônio Ermírio de Moraes.

Briga entre cachorro grande e cachorro pequeno

A minha sociedade com o Arnaldo terminou em 1983 e eu continuei sozinho tocando a farmácia.

Certo dia, chegaram dois senhores na farmácia e disseram que o prédio estava à venda pelo valor de 6.000 NCz\$ (cruzados novos) e, se eu me interessava. Disse que sim, mas não por aquele valor.

Passados trinta dias, recebi uma ordem judicial para desocupar o prédio, passados outros trinta dias, recebi uma ordem de despejo.

Pensei... Pensei... Lembrei do que meu saudoso pai falava: “nunca corra do rastro da onça”.

Contratei para tocar a “demanda” o Pigão e o Paulinho (advogados), os meninos eram bons advogados, e trabalhavam como Dr. José Mussi.

Para defender a causa, o Antônio Ermírio contratou o Dr. Alcides Fortes (advogado).

Pensei “vai ser uma briga de pitbull contra um vira-lata”.

Os meus advogados falavam para que eu ficasse tranquilo.

O tempo foi passando e o despejo não saía. O corretor apareceu novamente e baixou o preço para 5.000 NCz\$.

Descobri que a escritura seria passada por valor mais baixo do que o real (pelo valor venal) e que, se eles vendessem para outro, era só depositar em juízo o valor passado na escritura que o direito de compra era meu.

O corretor era de Monte Aprazível, ele vinha toda semana e foi baixando o preço. Fiz uma proposta de 2.000 NCz\$, sendo 1.000 NCz\$ com 30 dias e 1.000 NCz\$ com 60 dias.

Depois de três dias ele aceitou a proposta.

Dona Celsa era uma grande freguesa minha na farmácia e parceira em negócios; baiana, sistemática, honesta, confiava em mim.

Eu tinha vinte e quatro vacas leiteiras de ponta, procurei dona Celsa e disse que iria vender as vacas e dava preferência para ela. Ela foi ver tirar o leite das vacas no retiro, gostou e comprou. Levantei o dinheiro que faltava!

O vira-lata ganhou a briga com o pitbull.

Foi o melhor negócio que fiz!

Cavalo arriado passa perto só uma vez

Vou registrar algumas coisas. Acho que chegou o dia de serem ditas.

Eu e o meu saudoso pai (João Antonio Ribeiro) somos os fundadores do Centro Espírita João Batista de Palmeira d'Oeste.

Fui presidente do Lar das Crianças Santa Izabel. Eu juntamente com o Dalvo Gurian e o Rubens Marueli pegamos ele totalmente falido, sem crédito na praça,

devia até para os leiteiros e padeiros. Trabalhamos por dois anos e acertamos tudo, levantamos o Lar das Crianças. O “Luizinho da Laranjeira” ajudou muito! Pedia bezerras e outras doações para os sitiantes e fazíamos leilões sempre com sucesso. Ele merece ser parabenizado, já faleceu, mas fica aqui nosso reconhecimento.

Passamos a presidência do Lar das Crianças para o “Zé da Serra” que foi um dos melhores presidentes da história da instituição.

Fui provedor da Santa Casa de Misericórdia.

Fui fundador da Loja Maçônica Obreiros de Palmeira nº 388.

Dizem que cavalo arriado passa perto só uma vez e é verdade. Passou perto de mim, mas não montei. O prefeito Hélio Ponce, no auge do seu prestígio, me chamou no seu gabinete e disse:

- Você vai ser o próximo prefeito de Palmeira d'Oeste.
- Vou te indicar e serás candidato único.
- O candidato a prefeito vai ser só você, você aceitando, não vai ter outro.
- Fique tranquilo que bancaremos toda a despesa de campanha.

Não aceitei.

Insistiu mais umas três vezes, mas mantive minha negativa, então ele indicou o “Minguito” (Domingos de Marques) que ganhou fácil, estourado!

Deixei o cavalo arriado passar...

*A riqueza não depende do dinheiro que você
haja acumulado*

*Quem tem riquezas e não sabe ajudar o próximo
é pobre.*

*Quem guarda com avareza os dons que recebeu
de Deus é pobre.*

*Quem não sabe dar de si mesmo uma palavra de
conforto, um sorriso de encorajamento, é pobre.*

*Mas aquele que, mesmo pouco ou nada tendo,
sabe doar-se em ajuda ao próximo, esse é rico,
imensamente rico!*

Minutos de Sabedoria – C. Torres Pastorino.

Sobre três amigos

Dizem que nós temos amigos e “amigos” e no passado eu tive três amigos inesquecíveis, assim como hoje tenho até mais.

Acho que não posso esquecer o saudoso Luiz Jodas, gerente do Banco Brasul. Eu trabalhava de empregado e ele ia muito à farmácia do Roveri.

Certo dia o Luiz me disse:

- Meu carro do consórcio saiu e eu vou vender o meu fusca, que é chique

demais.

Eu falei:

- Se eu tivesse dinheiro iria comprar este fusca.

- Meu dinheiro não dá.

Nem me lembro quanto ele pediu.

Ele perguntou:

- Quanto você tem?

Respondi:

- Não sei seu Luiz.

- O que tenho está na poupança no banco do senhor.

Ele ficou calado.

Na hora de ir embora ele perguntou se eu não conseguiria pagar cem cruzeiros novos por mês (isso em 1968).

Nos domingos eu fazia uns “rolos” e ganhava uns bons trocados.

Falei:- Acho que consigo sim.

Ele pegou a chave e disse:

- O carro é seu.

Disse-lhe, então, que poderíamos fazer as notas promissórias.

Ele respondeu:

- Não precisa.

- Todo mês você me paga.

O Roveri ressaltou:

- Este homem confia demais em você.

Foi o primeiro carro da minha vida.

Em outra ocasião, em 1970, troquei o fusca por uma perua Rural Willys e tinha que pagar a diferença de setecentos cruzeiros em dez prestações. Eu precisava de um avalista para as promissórias e procurei o Batistão (Baptista Alvares Campos) um desses meus amigos, esse não confiou em mim. Ele nem olhou de quanto era cada promissória, não avalizou. Expliquei que estava indo para Mirassol d'Oeste (MT) trabalhar de mascate e precisava desse carro. Então ele me disse:

- pega este aparelho de som com essas duas cornetas e o microfone e leva para você, era rescaldo da sua campanha para prefeito de Palmeira d'Oeste. Isso eu devo a ele, sou grato, quero que ele saiba onde ele estiver.

Outro amigo, o também saudoso Antonio Candil aqui será lembrado.

Eu tinha que acertar um título no Banco Itaú, a última parcela de um empréstimo. O gerente era o Olegário Pinton, que prometeu que se o meu dinheiro não desse ele reformava esse restante do título.

Vim lá do Mato Grosso até aqui pagar no dia certo e o dinheiro não deu. O Olegário não cumpriu o prometido, não aceitou, queria que eu pagasse tudo. Fiquei desesperado!

Nunca tinha trabalhado com o Banco Novo Mundo. Pensei... Seja o que Deus quiser... Fui à agência do Banco Novo Mundo. Procurei o gerente que era o Antonio Candil e disse que precisava de um grande favor dele. Expliquei que tinha que pagar um título no Banco Itaú e não tinha todo o dinheiro necessário. Sentado atrás da sua escrivaninha, ele abriu a gaveta e perguntou de quanto eu precisava, hoje nem lembro

quanto era. Disse a ele que iria buscar o meu pai para ser o avalista. Ele disse que não precisava, vai lá pagar o título e depois você volta aqui. Que alívio!

Fui ao Banco Itaú, chamei o Olegário pedi para ele pegar o título e trazer as minhas fixas (naquele tempo tudo era anotado em fichas). Paguei o título e rasguei todas as fichas.

O Olegário disse:

- Não acredito que você fez isso?

Eu retruquei:

- Já fiz!

- Estou te devendo alguma coisa?

Ele respondeu que não.

O Banco Itaú perdeu um cliente, o Banco Novo Mundo ganhou um e o Antonio Candil ganhou minha amizade e gratidão.

Vendi a Farmácia Central

Como já disse, o amigo Arnaldo e eu ficamos sócios de uma farmácia, por longos anos, que nós mesmos montamos.

Certo dia, em 1983 mais ou menos, o Arnaldo, após receber uma boa parte da herança com a venda da fazenda dos seus pais, resolveu terminar a sociedade. Eu insisti para que ele continuasse, mas não teve jeito. Nos separamos e cada um seguiu seu rumo.

Eu continuei sozinho na minha farmácia.

Tempos depois, meu filho Júnior se casou com a Maria Helena (“Malena”), que havia se graduado em farmácia, e eu montei uma farmácia para eles em Santa Bárbara d’Oeste (SP).

Tudo caminhava muito bem, até que, após dois anos de casados, ele contraiu um câncer e, infelizmente, dentro de um ano e sete meses acabou falecendo.

Eu acompanhei meu filho todo o tempo de sua enfermidade, gastei tudo o que tinha, pois era tudo pago, a esperança era salvar sua vida, mas foi tudo em vão.

Vocês sabem que quando um pai perde um filho, ele morre junto. Eu desgostei da farmácia, do meu trabalho, perdi a graça da vida. Não queria nem ver ninguém.

Deixei a farmácia com um irmão, na esperança de que ele desse seguimento no trabalho, mas dessa vez, nada deu certo, faltou colaboração, solidariedade, respeito por parte dele para comigo. Foi desonesto, pois montou uma farmácia para concorrer com a minha. Pensei em parar de vez de trabalhar.

Na sequência, perdi uma vista; depois, tive câncer de próstata. Acabei sendo operado, fiquei bom, mas depois de três anos o câncer voltou!

Fui me tratar em Barretos, fiz trinta e oito sessões de radioterapia e fiquei bom. Continuei trabalhando sem muito ânimo, é verdade, mas não desisti; também fraturei duas vértebras, L1 e L2, e trinquei o fêmur ao cair de um cavalo.

As vistas enfraquecendo, a vigilância sanitária exigindo a presença de um profissional graduado em farmácia. Minha filha, farmacêutica graduada era a responsável, mas casou-se e foi embora cuidar da vida dela, então resolvi

pendurar as chuteiras.

Eu já recebia aposentadoria por tempo de contribuição. Conversei com a esposa e expus a ela a nossa situação financeira. Disse que seria suficiente para vivermos tranquilos o restante de nossas vidas. Ela concordou. Então, vendi a farmácia, passei a ser um “homem doméstico” atuante, sempre lendo, trocando ideias com os amigos, pesquisando, vivendo mais, como se diz...

Leia mais!

Aproveite seu tempo.

Não deixe que a ociosidade alimente pensamentos negativos, porque estará perdendo um tempo precioso que não voltará mais.

Leia mais!

A boa leitura alimenta o cérebro e controla as emoções. O livro é um amigo discreto que não se impõe a ninguém, e só fala conosco quando temos vontade de conversar com ele.

Minutos de Sabedoria – C. Torres Pastorino.

Dóra

Lá pelos idos do ano de 1964 meu pai teve notícia, através de um conhecido, que a seca no estado da Bahia estava judiando do seu povo. Meu pai nunca mais havia voltado a sua terra natal (Condeúba (BA)) e resolveu viajar para ver como estava sua irmã Maria, seus filhos e netos. Chegando lá constatou que o estado deles era de penúria e então os trouxe para Palmeira d'Oeste (SP).

Assim fiquei conhecendo os parentes do meu pai. Eu já tinha uns trinta e dois anos de idade.

Vieram para Palmeira d'Oeste tia Maria, já viúva com seus filhos: Sebastiana, Joaquina, e Trancoso (Tranquilino); todos baianos. Vieram também os filhos da Sebastiana: Maria e Dóra.

Passaram alguns anos por aqui trabalhando na roça e depois a família foi para Dirce Reis (SP).

Por volta do ano de 2007, encontrei a Dóra e a Marli (filha da Sebastiana nascida aqui no estado de São Paulo) no Hospital de Câncer de Barretos, depois de muitos anos sem nos vermos. Dóra me disse que tinha vontade de escrever um livro contando a sua saga. Disse que eu deveria fazer o mesmo. Gostei da ideia. E não é que muitos anos depois eu consegui?

Tudo começou, meio que por acaso, quando o Dr. Hermenegildo, um amigo meu e do meu filho Junior (Brucutu), fez uma série de entrevistas para registrar parte da história de Palmeira d'Oeste para veicular na emissora de rádio Skala FM. Então, com a colaboração dele e de meu outro amigo professor Esquina, consegui finalmente

terminar de escrever meu livro. Que bom, realizei meu sonho!

Não desamine, não desista Dóra, amanhã pode ser você realizando o seu sonho. Lembre-se que foi você a mentora da ideia lá em Barretos.

A intenção não morreu e nós também não, que bom que estamos aqui. Vamos nos abraçar hoje porque amanhã pode não dar tempo.

Epílogo

Poema

Quando cheguei aqui / há muito tempo “passado” Nascia num matagal / uma bonita fazenda,

por nome de Palmital!

Pessoas vinham chegando / derrubando o sertão, Uns criando gado / e outros com plantação!

Decorrido algum tempo / a fazenda virou cidade, Outras famílias chegaram / trazendo a prosperidade! A cidade foi crescendo /naquela campina agreste, Depois trocaram seu nome / para Palmeira d’Oeste!

Eu te amo, oh! Cidade / sua gente altaneira,

Um dia será mais bela: falo de você, Palmeira! Sua gente brava e forte /bondosa e hospitaleira! Adoro suas riquezas/ falo de você, Palmeira!

Autor desconhecido

Jeitão de Caboclo

*Se eu pudesse voltar aos bons tempos de criança
Reviver a juventude com muita perseverança
Morar, de novo, no sítio, na casa de alvenaria
Ver os pássaros cantando quando vem rompendo o dia*

*Eu voltaria a rever o pé de manjeriço
A corruíra morando lá no oco do mourão
Os bezerros no piquete e nossas vacas leiteiras
O papai tirando leite bem cedinho na mangueira*

*Eu voltaria a rever o ribeirão Taquari
Com suas águas bem claras onde eu pesquei lambari
O nosso carro de boi, o monjolo e a moenda
As vacas Maria-Preta, Tirolesa e a Prenda*

Lembranças da minha vida sob a sombra do meu pé de ipê amarelo

*Na varanda, tábua grande cheia de queijo curado
E mamãe assando pão no forno de lenha ao lado
Nossa reserva de mata, linda floresta fechada
As trilhas fundas do gado retalhando a invernada*

*Queria rever o Sol com seus raios fluorescentes
Sumindo atrás da serra, roubando o dia da gente
O pé de dama-da-noite junto ao mastro de São João
Que até hoje perfuma a minha imaginação*

*O caso é que eu não posso fazer o tempo voltar
Sou um “cocão” sem chumaço que já não pode cantar
Hoje eu vivo na cidade
perdendo as forças aos poucos
Mas não consigo perder o meu jeitão de caboclo!*

Composição de Valdemar Reis e Liu

Terminarei dizendo assim...

Quando tiro o meu chapéu, lá do céu alguém sorri
Zé do Prato dá um grito
e diz assim para mim:
hoje o dia está lindo
o céu está azul.
Eu estou sentado
conversando com meus amigos
José Mesqua
e meu querido Brucutu.
Tchau... Tchau... Tchau...

Agradecimento

Agradeço meus amigos: Nelson Marin da Frutícula São João e Antonio Canário da CAMAC (Canário Materiais para Construção) pelo importante incentivo, sem o qual não teríamos esta segunda edição.



1957 – Esmeraldo Antônio Ribeiro
Soldado da 2ª Bateria do 10º GACAV- Aquidauana (MS).



1953 - Praça da Matriz de Palmeira d'Oeste
Da esquerda para direita: Bia Brito, Zé Bronquinha, 3, Alarico Santana, Vanderlei Polícia (o primeiro policial), Esmeraldo A. Ribeiro. Na lateral, ainda garoto, o engraxate Cido Gerin



1953- Cachorro Tenente (especializado na pega de animais) e Esmeraldo A. Ribeiro no quintal da sua casa na Rua Brasil



1952 - Esmeraldo A. Ribeiro com sua bicicleta Monark no quintal da sua casa na Rua Brasil



1953 - Esmeraldo A. Ribeiro com seu revolver 38 cano longo e a prima Igmara de Ribeirão Preto em visita a Palmeira d'Oeste.



1961 – Recém casados - Lourdes Dirce Secafen Ribeiro e Esmeraldo Antonio Ribeiro – Praça Francisco Shmidt em Ribeirão Preto (SP).



1972 – Aniversário da Cristiana – Lourdes Dirce Secafen Ribeiro, Esmeraldo Antonio Ribeiro Junior, Esmeraldo Antonio Ribeiro, Adriana Ribeiro, Hercolina Barato Secafen, Cristiana Ribeiro, Josephina Machado Ribeiro e João Antonio Ribeiro



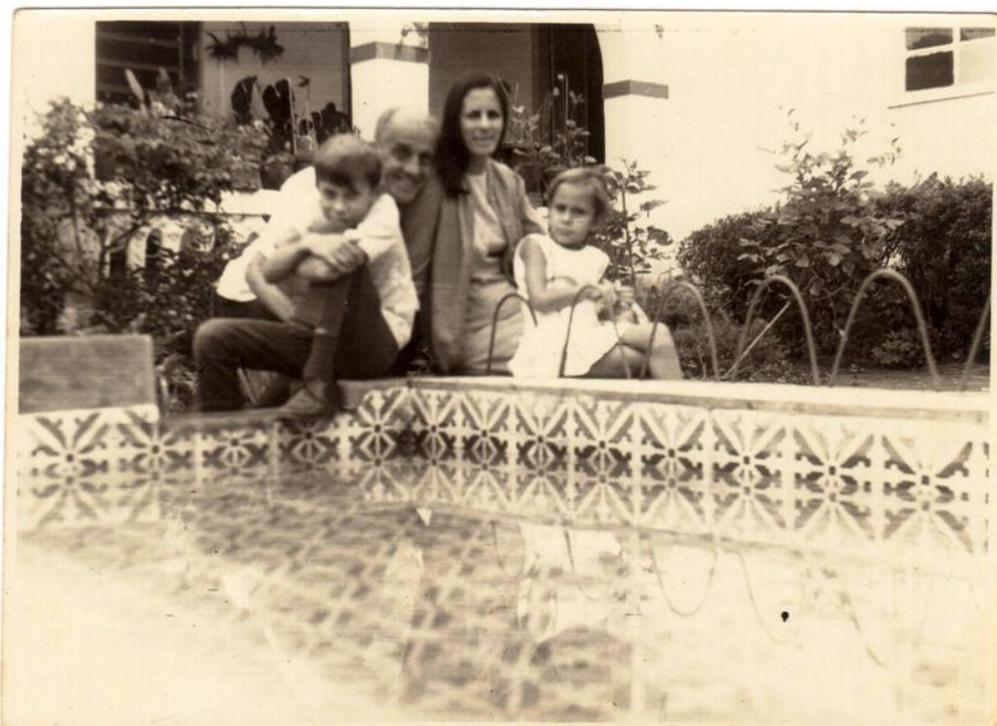
Utensílios antigos de farmácia - Caixa metálica, encapsulador e bisturi de lâmina fixa.



Utensílios antigos de farmácia – seringa de vidro e vários medidores de volume



1929 - Carta de Condutor de Automóvel do Sr. Antonio Secafen – Jaboticabal (SP) –



Padre João Missoni e sua família

A Cidade de Palmeira d'Oeste (SP) tem muito pouco da sua história registrada. Sempre existiram pessoas com a intenção de contribuir escrevendo parte da sua história, mas isso tem ocorrido com pouca frequência. Uma história de vida é para ser contada, não é feita para ser arquivada ou guardada. Compartilhar recordações ajuda a conservar a memória histórica. Cada família, cada pessoa, é parte desse processo. Esse livro faz parte do esforço para estimular as pessoas historicamente vinculadas à cidade para exteriorizarem suas memórias ampliando dessa forma os horizontes da nossa cultura. Nesta segunda edição contendo novos capítulos, Esmeraldo Antonio Ribeiro conta sua história e registra fatos, do seu jeito, do jeito que viu, viveu e sentiu.

